

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS DE LAGO DA PEDRA
LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DA
LÍNGUA PORTUGUESA

Vitor Ferreira Nascimento - 20190105242

**A influência da oralidade nas variações linguísticas estudadas na produção
textual dos alunos do 1º ano do ensino médio no Centro de Ensino Frei
Godofredo Bauerdick**

LAGO DA PEDRA
2025

Vitor Ferreira Nascimento - 20190105242

A influência da oralidade nas variações linguísticas estudadas na produção textual dos alunos do 1º ano do ensino médio no Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em Letras/ Português e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Waldemberg Araújo Bessa

LAGO DA PEDRA

2025

N241i Nascimento, Vitor Ferreira

A influência da oralidade nas variações linguísticas estudadas na produção textual dos alunos do 1º ano do ensino médio no Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick/ Vitor Ferreira Nascimento – Lago da Pedra-MA, 2025.

00 f: il.

Monografia (Graduação em Letras com Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa), Universidade Estadual do Maranhão-UEMA/ Campus Lago da Pedra, 2025.

Orientador: Profª. Drº.Waldemberg Araújo Bessa

1.Fala 2. Escrita 3. Apagamento do r 3. Ditongação
4. Monotongarão

CDU:003.23: 301.73

Vitor Ferreira Nascimento – 20190105242

**A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS ESTUDADAS
NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO NO
CENTRO DE ENSINO FREI GODOFREDO BAUERDICK**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Lago da Pedra, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa.

Aprovado em: __/__/__

Documento assinado digitalmente
 **WALDEMBERG ARAÚJO BESSA**
Data: 01/08/2025 18:29:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Waldemberg Araújo Bessa (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **YNNARA SOARES REIS**
Data: 01/08/2025 10:29:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Ynnara Soares Reis (1º Examinadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **SABRINA MONIQUE RIBEIRO SOUSA**
Data: 01/08/2025 18:04:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Sabrina Monique Ribeiro Sousa (2ª Examinadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Dedico este trabalho, em primeiro lugar a Deus, pois ele é quem me dá forças para prosseguir todos os dias. Dedico também a todas as pessoas que somaram comigo durante minha trajetória neste curso.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a meu Deus, pois foi ele quem me ajudou a suportar todo o processo nesses longos 6 anos de curso. Foram 6 anos, pois as intemperes da vida fizeram eu tardar um pouco até o presente momento, o qual me encontro disposto a concluir o curso.

A trajetória até aqui foi árdua, exaustiva e imprevisível. Gostaria de agradecer também à minha família. irmãos, Arthur Rafael, Pablo F. Nascimento, e Brendon F. Nascimento que sempre me apoiaram, aos meus avós maternos Dona Alderina e Sr. José Nascimento que sempre se encheram de orgulho de mim e também sempre me apoiaram.

Gostaria de agradecer em especial à minha mãe, Luzanira de Jesus Ferreira, ela que, além de mãe, foi pai também, uma mulher batalhadora, que deu de tudo para que seus filhos tivessem educação. Ela que é professora desde que me entendo por gente. Agora sou eu quem está continuando esse legado.

Vi na educação, não algo a deslumbrar-me, mas algo que posso encher-me de orgulho ao dizer que é meu propósito de vida. Ajudar na formação de pessoas e contribuir para o futuro delas, assim como fez minha mãe, “Tia luza” como é carinhosamente conhecida e lembrada por seus ex-alunos recentes e de muitos anos também.

Inspiro-me também em educadores como a profa. Gabriela Gonçalves de Ribeirão Preto - SP, a qual fora minha professora durante o cursinho pré-vestibular em 2018. Ela talvez não saiba, mas teve enorme relevância e peso na escolha deste curso, agradeço os seus conselhos e ensinamentos.

Além delas, agradeço a UEMA e a todos os meus professores, que a cada matéria finalizada, absorvia o suficiente de cada. Desses, agradeço em especial ao professor Dr. Waldemberg A. Bessa, pois foi ele quem incentivou-me à iniciação científica e ajudou-me em questões extracurriculares. Agradeço à direção do campus e do curso, por ter me ajudado quando mais precisei e por terem exposto minhas obras de arte durante quase um ano pelo evento acadêmico anual denominado Tertúlia Acadêmica realizado no campus de Lago da Pedra - MA. Vou lembrar disso por toda vida.

RESUMO

O presente trabalho investiga a influência da oralidade nas variações linguísticas presentes na produção textual de 30 alunos do 1º ano “A” do Ensino Médio matutino do Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick, localizado em Lago da Pedra, Maranhão. A pesquisa foca na aproximação entre fala e escrita, e busca compreender como fenômenos linguísticos regionais, como o “apagamento do r” em posição final, a ditongação e a monotongação”, se manifestam nas produções escolares. Sendo assim, a pergunta a qual este trabalho é pautado é: De que maneira as variações linguísticas podem influenciar na escrita dos alunos do 1º ano do ensino médio no C. E. Frei Godofredo Bauerdick? Para sanar esta questão, foram discutidos fatores cognitivos e psicológicos que influenciam o processo de transição da oralidade para a escrita, destacando a necessidade do desenvolvimento da consciência metalinguística e do hábito de leitura para a formação da competência escritora. Foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa das variações linguísticas presentes nas produções textuais no gênero crônica dos alunos, com destaque para o apagamento do “r”, seguido pela ditongação e pela monotongação. As variações foram compreendidas como reflexos das práticas linguísticas regionais, e não como desvios da norma. Constatou-se que ainda que a influência da oralidade pode tanto interferir na escrita quanto contribuir para a ampliação do repertório linguístico, quando abordada de forma crítica e contextualizada. O estudo reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística no ensino da língua portuguesa. Tivemos como principais autores: Bagno (2007), Marcuschi (2001) no capítulo 2; Fiorin (2003), Bagno (2007), Bezerra & Rocha (2006) no capítulo 3; Travaglia (2002), no capítulo 4; William Labov (2008 [1972]), no capítulo 5.1; Lima (2015), Soares (2017), no capítulo 5.2; Bagno (2007), Marcuschi (2001), no capítulo 5.4; Marconi & Lakatos (2003), no capítulo 6; Bogdan & Biklen (1994), nos capítulos 6 e 7; Bezerra & Rocha (2006), Marroquim (1996), Travaglia (2002), no capítulo 7, 7.1 e 7.2; Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), no capítulo 8.

Palavras-chave: Fala. Escrita. Apagamento do r. Ditongação. Monotongação.

ABSTRACT

This study investigates the influence of orality on the linguistic variations present in the textual production of 30 first-year students from class “A” of the morning shift at Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick, located in Lago da Pedra, Maranhão, Brazil. The research focuses on the approximation between speech and writing, aiming to understand how regional linguistic phenomena—such as the deletion of the final /r/, diphthongization, and monophthongization—manifest in students’ school writing. Accordingly, the central research question guiding this work is: How can linguistic variations influence the writing of first-year high school students at C. E. Frei Godofredo Bauerdick? To address this question, cognitive and psychological factors that affect the transition from orality to writing were discussed, highlighting the need to develop metalinguistic awareness and reading habits for the enhancement of writing competence. A quantitative and qualitative analysis of the linguistic variations found in students’ textual productions in the chronicle genre was conducted, with emphasis on the deletion of the final /r/, followed by diphthongization and monophthongization. These variations were understood as reflections of regional linguistic practices, rather than as deviations from the standard norm. It was found that orality can both interfere with writing and enrich students’ linguistic repertoire when approached critically and in context. The study reinforces the importance of pedagogical practices that value linguistic diversity in the teaching of Portuguese. The main authors referenced include: Bagno (2007), Marcuschi (2001) in chapter 2; Fiorin (2003), Bagno (2007), Bezerra & Rocha (2006) in chapter 3; Travaglia (2002) in chapter 4; William Labov (2008 [1972]) in chapter 5.1; Lima (2015), Soares (2017) in chapter 5.2; Bagno (2007), Marcuschi (2001) in chapter 5.4; Marconi & Lakatos (2003) in chapter 6; Bogdan & Biklen (1994) in chapters 6 and 7; Bezerra & Rocha (2006), Marroquim (1996), Travaglia (2002) in chapters 7, 7.1, and 7.2; and the Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) in chapter 8.

Keywords: speech; writing; deletion of the "r"; diphthongization; monophthongization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ORALIDADE E ESCRITA: INTERFERÊNCIAS E RELAÇÕES.....	13
2.1 A transposição da linguagem falada para a escrita na produção textual dos estudantes.....	14
2.2 Diferenças estruturais entre oralidade e escrita e seus reflexos na aprendizagem.	15
3 VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS.....	16
4 VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NA ESCRITA ESCOLAR.....	19
4.1 O uso de regionalismos e gírias na produção textual dos alunos.....	20
4.2 Influência das redes sociais e da linguagem digital na escrita dos estudantes....	21
4.3 A presença de marcas da fala informal na redação.....	22
5 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA.....	23
5.1. Fatores socioculturais.....	24
5.1.1.....	25
5.1.2.....	26
5.1.3.....	27
5.2. Fatores Cognitivos e Psicológicos.....	28
5.2.1.....	29
5.2.2.....	30
5.2.3.....	31
5.3. Fatores Estruturais da Língua Portuguesa.....	32
5.3.1.....	32
5.3.2.....	33
5.3.3.....	34
6 METODOLOGIA.....	36
7 ANÁLISE DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS ENCONTRADAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 1º ANO	38

7.1 Análise Quantitativa.....	38
7.2 Análise Qualitativa.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERENCIAS.....	49
ANEXOS.....	51

APÊNDICES.....	53
-----------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

A escrita escolar, muitas vezes percebida como um reflexo direto da norma padrão da língua portuguesa, revela, em contextos específicos, um cenário mais complexo e diversificado. Em diversas regiões do Brasil, a presença marcante da oralidade nos hábitos linguísticos dos falantes interfere diretamente na forma como os estudantes produzem textos.

Essa influência é particularmente perceptível quando se analisa a produção escrita em ambientes escolares nos quais predominam expressões e traços fonéticos próprios da fala regional. O presente trabalho, intitulado "A influência da oralidade nas variações linguísticas estudadas na produção textual dos alunos do 1º ano do Ensino Médio do Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick", propõe-se a investigar, compreender e refletir sobre esse fenômeno à luz da realidade linguística de estudantes maranhenses.

A pesquisa toma como base as produções textuais do gênero crônica, escritas por 30 alunos do 1º ano "A" do Ensino Médio matutino do Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick, situado no município de Lago da Pedra – MA. A escolha do gênero não é à toa: trata-se de uma modalidade textual que dialoga com a linguagem cotidiana e permite certa flexibilidade no uso da língua, o que favorece o surgimento de marcas linguísticas naturais dos estudantes.

Ao mesmo tempo em que possibilita uma análise criteriosa dos desvios em relação à norma padrão, a crônica oferece aos alunos a oportunidade de expressar, com liberdade, sua visão de mundo, suas experiências e sua linguagem.

Durante a análise, foi possível constatar a ocorrência de fenômenos linguísticos recorrentes na região, com destaque para o apagamento do "r" em posição final, acompanhado por casos de monotongação e ditongação, também amplamente identificados nas produções.

O apagamento do "r", fenômeno típico do português falado no Maranhão, manifesta-se na escrita como em "professo" (em vez de "professor") ou "calo" (em vez de "calor"), indicando que os alunos tendem a transcrever, em seus textos, a forma como ouvem e pronunciam essas palavras no cotidiano. De forma semelhante, a

monotongação e a ditongação revelam alterações fonéticas que impactam o padrão gráfico esperado, como em “faixa” escrita como “facha” ou “rapaz” grafado como “rapais”.

Tais manifestações não são meros desvios gramaticais, mas evidências de um sistema linguístico em pleno funcionamento, marcado por regularidades fonológicas próprias da oralidade local. O reconhecimento dessas variações permite não apenas compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes na apropriação da norma padrão, mas também valorizar os saberes linguísticos que carregam de seus contextos familiares e culturais. Compreender essa realidade é essencial para pensar práticas pedagógicas que promovam uma transição consciente e respeitosa entre os diferentes registros da língua.

Neste trabalho, optou-se por uma abordagem dividida em duas etapas complementares: uma análise quantitativa, que apresenta a frequência e os tipos de variações linguísticas registradas nos textos, e uma análise qualitativa, voltada para a interpretação do impacto dessas variações na construção textual dos alunos.

Ambas as abordagens contribuem para uma visão mais abrangente do fenômeno, ao permitir que se observe tanto a extensão do uso dessas marcas quanto o seu papel na organização dos sentidos nos textos. Os dados coletados, sistematizados e apresentados em tabelas e trechos escaneados, evidenciam a consistência com que essas variações aparecem, sinalizando a necessidade de estratégias de ensino voltadas à valorização da diversidade linguística.

Ainda que o foco da análise recaia sobre os fenômenos do apagamento do “r”, da monotongação e da ditongação, outros traços linguísticos também foram identificados, como o uso de construções frasais mais próximas da fala espontânea, expressões idiomáticas regionais e, em alguns casos, a supressão ou acréscimo de letras conforme a pronúncia local.

Esses aspectos ampliam o alcance da discussão e reforçam a questão central deste trabalho, a de que a oralidade pode exercer influência na escrita de estudantes cuja formação linguística se desenvolve em contextos onde a norma culta não é predominante.

Assim, a análise proposta neste estudo não se restringe à identificação de erros ortográficos ou gramaticais, mas avança no sentido de compreender o processo de construção da linguagem escrita como atravessado por múltiplos fatores: culturais, cognitivos, psicológicos e estruturais. A escrita, nesse contexto, deixa de ser um produto isolado da norma e passa a ser vista como uma expressão legítima de um sujeito inserido em uma realidade linguística viva e dinâmica.

Dessa forma, este trabalho busca contribuir para uma reflexão crítica sobre o ensino de língua portuguesa, propondo um olhar mais atento às formas de expressão dos alunos e às maneiras como a escola pode acolher essas manifestações como ponto de partida para a aprendizagem. Ao valorizar as marcas da oralidade como expressão da identidade linguística dos estudantes, espera-se promover um ensino mais justo, inclusivo e respeitoso à diversidade que compõe o cenário educacional brasileiro.

2 ORALIDADE E ESCRITA: INTERFERÊNCIAS E RELAÇÕES

A relação entre a oralidade e a escrita constitui um dos pontos centrais das discussões no campo da Linguística Aplicada, especialmente no que se refere ao processo de alfabetização e ao ensino da língua materna. Ambas as modalidades são expressões legítimas da competência linguística do falante, embora obedeçam a lógicas próprias de funcionamento.

A escrita, diferente da fala, exige planejamento, coesão e domínio das convenções ortográficas, enquanto a oralidade se apoia em elementos contextuais, gestuais e prosódicos, o que pode dificultar a transposição de uma para a outra, sobretudo entre estudantes que utilizam majoritariamente a linguagem falada em seu cotidiano.

Segundo Marcuschi (2001), a oralidade não deve ser vista como uma forma inferior da linguagem, mas como uma modalidade distinta com sua própria estrutura. Essa distinção, porém, muitas vezes não é compreendida no ambiente escolar, que prioriza a norma padrão escrita e desvaloriza as formas de expressão oral mais próximas do uso cotidiano dos estudantes. Essa perspectiva pode resultar em barreiras na aprendizagem, especialmente para alunos provenientes de comunidades

onde as variações linguísticas se distanciam do padrão culto. Como já destacado por Bagno (2007), p.52 “a escola ainda insiste em ensinar a norma padrão como única forma legítima da língua, desconsiderando a realidade linguística dos alunos”.

Essa negligência pedagógica, portanto, torna-se um obstáculo à plena aquisição das competências linguísticas necessárias para a escrita, contribuindo para a insegurança dos estudantes no momento da produção textual. Quando esses alunos são avaliados com base exclusiva na norma culta, suas produções passam a ser vistas como erradas, sem considerar o sistema linguístico que orienta sua fala.

2.1 A transposição da linguagem falada para a escrita na produção textual dos estudantes

A conversão da fala para a escrita não é um processo automático, mas uma operação complexa que requer a reorganização das estruturas linguísticas. No caso de estudantes da cidade de Lago da Pedra, as especificidades da oralidade local, como o apagamento do “r” em final de palavras ou a monotongação de certos vocábulos, acabam sendo refletidas na produção textual, gerando desvios em relação à norma padrão. Esses fenômenos, no entanto, não indicam ausência de lógica ou incoerência, mas sim a atuação de uma gramática interna distinta daquela ensinada formalmente na escola.

Conforme aponta Faraco (2015), os falantes nativos operam com uma gramática intuitiva baseada na variedade que dominam, e o ensino da norma padrão deve partir desse ponto de vista, promovendo uma transposição consciente e não uma substituição autoritária. Isso significa que o estudante precisa reconhecer o funcionamento da sua variedade linguística para, a partir dela, compreender o sistema da escrita formal. Em muitas escolas públicas, no entanto, esse processo é negligenciado.

Bezerra e Rocha (2006), p.16-17, ao analisarem o português falado no Maranhão, destacam que “[...] o apagamento do R em posição final é um fenômeno recorrente nas cidades do interior e da capital, como em ‘calor’ [ka’lo], ‘varrer’ [va’Re] e ‘fazer’ [fa’ze]”. A incidência desses fenômenos na fala dos alunos contribui diretamente para erros ortográficos quando esses sons são omitidos na escrita. “Na língua do povo

todas as palavras terminam em vogal. O ‘R’ e o ‘L’ caem invariavelmente: andá, animá, corrê. [...] Mesmo nas classes cultas, no falar cotidiano, o R final tende a desaparecer” (Marroquim, 1996, p.61-62).

Assim, compreender a origem desses traços fonéticos é essencial para evitar julgamentos equivocados sobre a competência linguística dos alunos. A escola deve atuar como mediadora entre os sistemas de fala e de escrita, oferecendo estratégias para que o estudante reconheça e saiba lidar com as diferenças entre eles.

2.2 Diferenças estruturais entre oralidade e escrita e seus reflexos na aprendizagem

As distinções estruturais entre a fala e a escrita não se restringem apenas à pronúncia ou à ortografia, mas também envolvem aspectos sintáticos, morfológicos e discursivos. Enquanto a oralidade é marcada pela espontaneidade, pela fragmentação e pelo uso de recursos contextuais como entonação e gestos, a escrita requer organização lógica, coesão textual e respeito às normas gramaticais. Para os estudantes, especialmente os que têm pouca exposição à leitura e à escrita fora do ambiente escolar, essa diferença se transforma em um desafio de transposição.

Fiorin (2002) p.312, observa que a linguagem escrita possui regras mais rígidas e menos tolerância a desvios do que a oralidade, sendo fruto de um processo de normatização histórica.

Já Possenti (2009) ressalta que a escrita exige um grau elevado de formalização, o que implica não apenas conhecimento das regras, mas também a capacidade de adaptar o discurso às exigências do texto escrito.

Desse modo, pode-se atrelar à realidade de Lago da Pedra, sobretudo, aos alunos que possam apresentar dificuldades relacionadas a essa discussão, as estruturas sintáticas utilizadas na fala, como o uso recorrente do “mais” no lugar do “mas” ou a ausência de concordância verbal, sendo transpostas para a escrita sem o devido filtro.

Isso indica não apenas desconhecimento das regras normativas, mas também uma defasagem no desenvolvimento da consciência linguística. Assim relata Marcuschi (2001, p.40): “A fala é marcada por traços de proximidade, imediatismo e

co-presença dos interlocutores, enquanto a escrita se caracteriza pela distância, planejamento e necessidade de maior explicitação”.

Essas diferenças repercutem diretamente na forma como o estudante se expressa por escrito. Ignorar essa dinâmica é desconsiderar o papel da oralidade como base do desenvolvimento da escrita. Por isso, o ensino da norma padrão deve ocorrer de forma articulada à linguagem falada, valorizando os saberes prévios dos alunos e utilizando-os como ponto de partida para a aprendizagem formal da língua.

3 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

É de extrema importância que haja contextualização de um termo que é pré-requisito essencial a este trabalho - a variação linguística - que são definidas como a diferenciação da forma de falar entre falantes de uma mesma língua considerando variados aspectos. Nesse sentido, discorre Bagno (2007):

Variação linguística é a diversidade de formas de uma língua, que se manifestam de acordo com o uso que os falantes fazem dela, variando conforme fatores de ordem geográfica, social, histórica, situacional, entre outros. (2007, p.10)

Alinhado a isso, visto que o Maranhão é um estado com grande diversidade linguística e cultural e se caracteriza pela pluralidade linguística advinda de diferentes povos como africanos, indígenas e europeus, é imprescindível compreender de que forma as variações linguísticas, que tiveram influências desses povos, são refletidas nas práticas de escrita nas escolas e como elas podem gerar desafios para os alunos em sala de aula.

Dessa forma, a linguística aponta para a valorização dos falares populares, pois a língua é viva e precisa ser compreendida como um monopólio em constante evolução, pois volta e meia se vê a criação de novos termos, expressões, substrução de termos e gírias antigas, o desuso de palavras, substituição de termos em português por termos em outra língua, entre outros. E isso também é percebido dentro das escolas maranhenses. Essa afirmação aponta para a importância das variações linguísticas na sociedade e como elas são indissociáveis ao falar humano. Nesse sentido, discorre Bagno (2007):

A variação linguística é uma característica natural e específica ao uso da língua, refletindo as condições sociais e históricas dos falantes. Reconhecer a importância dessas variações é fundamental para compreender a dinâmica da comunicação e a identidade dos indivíduos em diferentes contextos sociais. (Bago, 2007, pág. 53).

Seguindo nesse raciocínio, relativo às variações linguísticas, na obra de Fiorin “Introdução à Linguística”, ele fala que as variações linguísticas se subdividem em alguns tipos, a saber: variações lexicais, referentes ao léxico, isto é, a palavras com construções morfológicas distintas, porém com mesmo significado, como exemplifica: “jerimum e abóbora que são palavras do português falado no Brasil” (Fiorin, 2002, p. 164).

Além da variação lexical, há a variação sintática, que se refere à construção sintática, isto é, a estrutura de uma frase. Em seus estudos no PB (português brasileiro), discorre Fiorin (2003, p. 165): “há mais de uma forma para expressar a negação em nossa língua. Vejamos as duas sentenças abaixo: (1) Olha, eu não vou sair agora... (2) Olha, eu não vou sair agora não...”

Há também a variação morfológica que se refere ao morfema, desse modo a depender de determinada situação, a palavra passa a designar outro grupo de palavras, por exemplo um verbo no infinitivo como andar e que se retirado o último “r” passa a valer como uma flexão desse verbo no presente do indicativo, desse modo Fiorin (2002) disserta:

Se pensarmos num tipo especial de -r, o que encontramos no final dos verbos em sua forma infinitiva, temos então não mais uma variação fonética, pois esse -r é, na verdade, um morfema flexional - um signo linguístico que tem como significado não um referente externo à língua (como “jerimum”), um elemento no mundo, mas sim uma categoria Linguística. Nesse caso, o significado é justamente “verbo no infinitivo”. Sabemos que “andar” significa “uma forma verbal no infinitivo”, diferentemente de “anda” (presente do indicativo) por causa do próprio -r (Fiorin, 2002, p.166).

Além desses exemplos de variações linguísticas, também há a variação fonética que, juntamente com a morfológica, são as variações que melhor se adequam ao objeto deste trabalho. Na variação fonética, é abordada a questão dos sons da fala, isto é, como durante a pronúncia de algumas palavras se troca alguns fonemas.

Acerca da variação fonética referente à pronúncia do “r” em final de palavras, disserta Fiorin (2002, p.165): “Paulistanos tendem a pronunciar tal -r como uma vibrante simples - um “flap”, como costumam dizer os foneticistas -, enquanto os cariocas são conhecidos por aspirar o mesmo -r”.

É importante frisar que, em se tratando de variações linguísticas, às vezes, um dos tipos não exclui o outro, desse modo, dois tipos passam a tornar-se evidentes pois pode haver uma linha tênue entre os dois, como ocorre nas palavras “está” e “estar”.

Assim, se pode identificar a presença de dois tipos de variações linguísticas, a saber, fonética e morfológica, sendo que a presença do morfema “r” no final da palavra e a ausência desse morfema na outra, designam categorias linguísticas distintas de palavras. Entretanto, a pronúncia dessas mesmas palavras pode ser igual em detrimento de alguns grupos sociais, isto é, podem ser pronunciadas como “está”, somente, mesmo quando se quer atribuir o sentido de verbo no infinitivo.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, alguns autores maranhenses também citam essas variações e as tratam especificamente dentro do território do Maranhão. No livro “A diversidade do português falado no Maranhão o Atlas linguístico do Maranhão em foco” de Bezerra e Rocha (2006), concerne que às variações fonéticas podem ser analisadas sob o prisma de alguns fenômenos linguísticos a saber: apagamento do R em posição final; a monotongação e a ditongação.

O apagamento do R é um fenômeno linguístico que ocorre em boa parte do Maranhão, na pronúncia de palavras terminadas em r, como “calo(r) [ka’lo], faze(r) [fa’ze], varre(r) [va’Re]” em São Luís, como discorrem Bezerra e Rocha, (2006, p. 16). nesse sentido Marroquim (1996) argumenta:

Na língua do povo todas as palavras terminam em vogal. Apenas os subsiste excepcionalmente no artigo, nos numerais e demonstrativos, quando está indicando a pluralidade: “os home”, “duas cadêra”, “aquelas coisa”. O r e o l caem invariavelmente: “lugá”, “corrê”, “andá”, “alugue”, “animá”, “papé”, “currá”. Nas classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, cai o r final quando à palavra, em meio da frase, se segue outra que comece por consoante: ‘Vou pedi licença ao professô pra sair’. De qualquer forma, mesmo nas cidades, a pronúncia vulgar faz soar levemente

o r final, e não será exagero afirmar que a inclinação é para eliminá-lo no falar corrente. (Marroquim, 1996, p. 61-62)

Além do apagamento do R em posição final, há também, o fenômeno da monotongação que é “o que reduz, de forma sensível, o número de ditongos no falar maranhense”, Bezerra e Rocha (2006, p.17). Desse modo, algumas palavras perdem sutilmente algum fonema, a exemplo de caixa [‘kaiʃa]>[‘kaʃa] e faixa [‘faiʃa]>[‘faʃa], como discorrem os mesmos autores sobre os dados coletados em São Luís e Santa Luzia, também.

Ainda convém analisar o fenômeno linguístico da Ditongação que é comum entre os maranhenses também. Na Ditongação os falantes pronunciam fonemas a mais, por exemplo, nas palavras “mas” e “mais”, onde, por vezes, só há a pronúncia de mais [‘mais], outros exemplos são: rapaz [Ra'pas] > [Ra'pais] e arroz [a'Ros] >[a'Rois], ambos catalogados em São Luís e Santa Luzia. “Os segmentos vogais [a], [ɛ], [e] e [o], seguidos de [s], em palavras monossilábicas e em sílabas tônicas finais, ditongam-se em [ai], [ɛi], [ei] e [oi]” Bezerra e Rocha (2006, p. 17-18).

Ainda existem muitos outros exemplos de variações fonéticas, porém, nos delimitaremos a esses três, para um melhor direcionamento do trabalho. Dessa forma analisamos a relação fonêmica com a escrita na cidade de Lago da Pedra.

4 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA ESCRITA ESCOLAR

A linguagem utilizada pelos estudantes na produção textual escolar não é fruto apenas do que aprendem formalmente, mas também do contexto social, regional e midiático em que estão inseridos. Ao escrever, os alunos tendem a projetar elementos da oralidade, do uso regional da língua e até mesmo das interações digitais.

Esse fenômeno é particularmente evidente em regiões com forte presença de identidades linguísticas locais, como é o caso de Lago da Pedra. As variações linguísticas, portanto, não podem ser interpretadas exclusivamente como erros, mas sim como marcas culturais e sociais que coexistem com a norma padrão.

De acordo com Travaglia (2002), é necessário que o ensino da língua portuguesa considere a multiplicidade de usos do idioma, promovendo uma pedagogia

voltada para a reflexão crítica da linguagem. Essa abordagem permite que o aluno entenda a norma culta não como a única forma válida, mas como uma entre outras possibilidades de uso, adequada a contextos específicos. A escola, ao acolher essa pluralidade linguística, aproxima-se mais da realidade do aluno e se torna uma ferramenta de inclusão.

4.1 O uso de regionalismos e gírias na produção textual dos alunos

A presença de regionalismos e gírias nas produções escolares é um reflexo direto da vivência linguística dos estudantes. Esses elementos, muitas vezes ignorados ou repreendidos em sala de aula, são formas legítimas de expressão e desempenham papel central na construção da identidade linguística.

Na cidade de Lago da Pedra, serão observados os usos recorrentes de formas como *tarra* em vez de *estava* e *canidato* em vez de *candidato*, que evidenciam o apagamento de fonemas e a interferência de fenômenos como ditongação e monotongação. “O apagamento do R é um fenômeno linguístico que ocorre em boa parte do Maranhão, na pronúncia de palavras terminadas em R, como ‘fazer’ [fa’ze], ‘varrer’ [va’Re]” (Bezerra & Rocha, 2006, p.17)

Essas formas não indicam ignorância ou desvio sem sentido, mas sim o funcionamento de um sistema fonológico diferente, com regras próprias. Como aponta Ilari (2011), todo falante nativo possui competência gramatical e utiliza regras, mesmo que inconscientes, para produzir linguagem de maneira sistemática. Isso significa que o estudante que escreve “tarra” está, na verdade, transcrevendo de modo escrito uma forma corrente em seu repertório oral.

A presença de gírias também é significativa, sendo parte do vocabulário juvenil. O uso de expressões como “*top*”, “*massa*”, “*de boa*” ou “*o bicho pegou*” representa a tentativa do estudante de aproximar sua escrita à sua realidade linguística. De acordo com Bagno (2003), essas escolhas linguísticas são importantes marcos identitários e sociais. Negar sua validade no ambiente escolar é ignorar o papel comunicativo e afetivo da linguagem.

Caberia, então, à escola orientar o aluno quanto ao contexto de uso apropriado dessas formas e não simplesmente condená-las. Como afirma Fiorin (2002, p.312): “A língua

tem normas, mas não uma única norma, nem tampouco uma hierarquia rígida entre elas”. Esse entendimento favorece a convivência entre os diferentes modos de falar e escrever dentro da educação linguística.

4.2 Influência das redes sociais e da linguagem digital na escrita dos estudantes

A linguagem digital emergente, propagada principalmente por meio de redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas online, vem influenciando consideravelmente a escrita dos estudantes. Termos como *vc*, *pq*, *blz* e expressões marcadas por abreviações ou emojis têm sido transpostos para a escrita escolar, muitas vezes de maneira inconsciente, conforme cita Coscarelli (2009, p. 78): “A escrita digital instaura um novo modo de expressão, mais rápido, fragmentado e visual, com base em códigos próprios que desafiam as normas tradicionais da língua”.

Essas práticas refletem não apenas uma economia linguística, mas também a rapidez e informalidade dos contextos digitais. Para alguns teóricos, como Xavier (2010), esse fenômeno não representa uma ameaça à norma culta, mas sim uma ampliação das competências comunicativas dos jovens. O domínio da linguagem digital pode ser entendido como um novo tipo de letramento, necessário para navegar nos diversos ambientes de interação contemporâneos.

Além disso, a linguagem das redes sociais apresenta aspectos de oralidade, como repetições, encurtamentos, uso de onomatopéias e ausência de pontuação formal. Quando esses traços migram para o ambiente escolar, o desafio do professor é trabalhar a consciência linguística dos alunos, ajudando-os a perceber as fronteiras entre o discurso digital e o acadêmico.

Fiorin (2006) chama atenção para a necessidade de ensinar os alunos a fazer escolhas linguísticas conscientes, adequadas ao gênero e ao contexto de produção textual. Nesse sentido, o papel do ensino de língua portuguesa não é proibir a linguagem digital, mas mostrar sua adequação — ou inadequação — de acordo com o tipo de texto que se deseja produzir.

“O uso de formas abreviadas e expressões da internet, quando deslocado para a redação escolar, pode comprometer a clareza e a formalidade esperadas nesse gênero, exigindo do aluno um esforço de reelaboração

linguística que nem sempre é incentivado em sala de aula” (Travaglia, 2002, p. 44).

Desse modo, Travaglia (2002) traz à tona um ponto importante: quando os alunos transportam para a redação escolar formas abreviadas e expressões típicas da internet, isso pode comprometer a clareza e a formalidade que se espera nesse tipo de texto. Mais do que um erro, esse uso revela uma dificuldade real de adaptação entre contextos comunicativos diferentes.

Travaglia ainda observa que esse esforço de reelaborar a linguagem, para que ela atenda às exigências escolares, muitas vezes não é devidamente incentivado em sala de aula. Isso mostra o quanto é essencial que o ensino de língua portuguesa não apenas corrija, mas oriente os alunos no reconhecimento das particularidades de cada situação comunicativa, ajudando-os a fazer escolhas mais conscientes e apropriadas na hora de escrever

4.3 A presença de marcas da fala informal na redação

A fala informal, caracterizada por estruturas simplificadas, omissões e traços regionais, está frequentemente presente na escrita dos estudantes, sobretudo em comunidades onde essa variedade é predominante no cotidiano. Fenômenos como a ausência de concordância verbal e nominal, uso de pronomes oblíquos fora da norma culta ou a omissão de preposições são recorrentes nas redações escolares.

Essas marcas, embora tecnicamente consideradas desvios, têm origem na variedade oral regional. “A inclinação é para eliminar o R no falar corrente. Mesmo nas cidades, a pronúncia vulgar faz soar levemente o R final” (Marroquim, 1996, p. 62).

Esse tipo de ocorrência não é exclusividade do Maranhão, mas assume características específicas na região, conforme atestado por Bezerra e Rocha (2006) ao analisarem a fonologia maranhense. Palavras como *estar* e *está* são muitas vezes pronunciadas de forma idêntica, o que leva à sua confusão na escrita. Essa sobreposição fonética resulta, por exemplo, no uso de *estar* quando o contexto exige *está* prejudicando a coesão temporal do texto.

Fiorin (2002) explica que muitos dos chamados “erros” dos estudantes não decorrem de desinformação, mas da aplicação de regras de uma variedade diferente da norma padrão. Trata-se de um conflito entre gramáticas, e não entre certo e errado. Nesse sentido, é fundamental que o professor atue como mediador entre essas gramáticas, auxiliando o aluno a perceber os usos adequados de cada forma linguística.

Segundo Ilari (2011) p, 56, o conhecimento linguístico do falante deve ser valorizado como ponto de partida para o ensino. “Ensinar a norma culta não é negar a variedade que o aluno domina, mas expandir sua competência para incluir outros registros”.

Essa perspectiva é especialmente importante em contextos nos quais a fala informal representa não apenas uma maneira de se comunicar, mas também um componente da identidade cultural e social dos estudantes. Reconhecer isso é também um ato de respeito e inclusão no processo de ensino-aprendizagem.

5 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA

Há diversos fatores que podem contribuir para que a escrita seja influenciada pela oralidade, dentre eles, estão: os fatores Socioculturais; Fatores Cognitivos e Psicológicos; e Fatores Estruturais da Língua Portuguesa.

Em se tratando de Socioculturais pode-se destacar: O ambiente familiar e comunitário, isto é o convívio com a família e a sociedade; variações regionais e dialetais, uma vez que a depender do lugar onde se está inserido há muitos vícios de linguagem, gírias, entre outros que prevalecem à norma padrão intensamente: e a influência da mídia e redes sociais que podem agravar o desinteresse pela leitura, ou até mesmo, fornecer conforto ao produzir um texto de qualquer modo, visto que em mídias e redes sociais não é exigido nenhum rigor nas produções de textos.

Ainda convém falar sobre os aspectos Cognitivos e Psicológicos que variam em: Processamento da linguagem pois a transição da oralidade para a escrita exige habilidades metalinguísticas, como planejamento, organização e revisão textual. Muitos alunos enfrentam dificuldades cognitivas nesse processo, sobretudo pela influência de variações regionais; Falta de hábito de leitura; análise de insegurança na escrita;

A ausência de leitura sistemática que prejudica o vocabulário, a estrutura textual e o domínio da norma padrão. O contato restrito com textos escritos reforça a influência da oralidade nas produções escolares. Estimular o hábito da leitura é essencial para o desenvolvimento da competência escritora;

Além dos Fatores emocionais, como ansiedade e medo do erro, comprometem a produção textual dos estudantes. A percepção de que a norma padrão é distante de sua realidade linguística intensifica a insegurança. Um ambiente acolhedor e sensível favorece o desenvolvimento expressivo e reduz bloqueios na escrita.

Ademais, os aspectos Fatores Estruturais da Língua Portuguesa, também são cruciais para se entender a relação empregada nesta sessão, que podem dividir-se em: Proximidade e relação entre fala e escrita pois, nem sempre é clara para os estudantes, o que favorece a transferência de traços orais para o texto escrito. Essa proximidade gera interferências linguísticas, muitas vezes interpretadas como desvios. A escola deve mediar esse processo e promover a reflexão sobre os diferentes registros;

Outrossim, a influência do registro coloquial ou o uso espontâneo e informal da língua impacta diretamente a produção textual dos alunos, refletindo traços da oralidade. Essa influência pode dificultar o domínio da linguagem formal, mas também revela competências comunicativas válidas. A mediação pedagógica deve valorizar essa variedade, sem descuidar da norma padrão;

E, por fim, as dificuldades com a norma padrão, por ser distante da variedade falada por muitos alunos, representa um desafio recorrente na escrita escolar. Dificuldades com ortografia, pontuação e concordância são comuns, sobretudo em contextos com forte influência regional. O ensino deve ser progressivo, inclusivo e respeitoso com as variações linguísticas.

5.1 Fatores Socioculturais

A escrita escolar é um fenômeno profundamente atravessado por fatores socioculturais que moldam, condicionam e influenciam diretamente as práticas linguísticas dos estudantes. Elementos como o ambiente familiar, as variações regionais e a presença constante da mídia e das redes sociais constituem não apenas o pano de fundo, mas também o conteúdo ativo da formação linguística dos alunos.

Em contextos como o de Lago da Pedra (MA), onde predomina a oralidade e o contato com a norma culta é restrito, é comum que as marcas da fala cotidiana, do dialeto local e da linguagem digital se reflitam na produção escrita dos estudantes. Nesse sentido, compreender o impacto desses fatores é essencial para construir uma abordagem pedagógica mais inclusiva, que reconheça a diversidade linguística dos alunos e os ajude a transitar de forma crítica e consciente entre os diferentes registros da língua.

5.1.1 Ambiente familiar e comunitário

O ambiente em que um indivíduo se desenvolve linguisticamente e socialmente exerce papel fundamental na formação de sua competência comunicativa. No caso de muitos estudantes brasileiros, principalmente em regiões interioranas como Lago da Pedra (MA), a oralidade predomina como meio principal de transmissão de conhecimentos, afetos e valores. A linguagem falada no cotidiano familiar, nas feiras, nos cultos religiosos, nas conversas informais entre vizinhos, configura-se como uma matriz linguística primária, que antecede e influencia diretamente a aprendizagem da escrita escolar.

É nesse contexto que a escola se depara com alunos cuja base linguística é formada por uma variedade não padrão da língua portuguesa. Essa variedade, embora legítima e funcional em seus contextos de uso, muitas vezes não é reconhecida como tal pelas práticas pedagógicas convencionais. Conforme Travaglia (2002), o que o aluno traz de casa não pode ser ignorado pela escola, pois “a língua que o aluno usa com sua família é parte de sua identidade, e excluí-la é excluir o próprio aluno” (p. 89). Nesse sentido, a educação linguística deve partir do princípio de valorização dos saberes prévios dos alunos.

A falta de familiaridade com a norma padrão, somada à pressão escolar por “acertos” gramaticais, pode gerar insegurança e bloqueios na escrita. Não raro, alunos evitam se arriscar em estruturas mais elaboradas por medo de errar, replicando em seus textos a fala cotidiana que dominam com mais confiança. Como discutido por Bagno (2007), a escola ainda insiste em impor uma variedade linguística idealizada, muitas vezes distante da realidade sociolinguística dos estudantes.

Ademais, em ambientes em que o acesso à leitura é escasso e a escrita é pouco valorizada fora do ambiente escolar, a exposição à linguagem formal torna-se limitada. Isso dificulta o processo de aquisição das convenções da norma culta. A escola, nesse caso, não pode atuar como espaço de substituição da linguagem familiar, mas sim como um ambiente de ampliação do repertório linguístico. A proposta pedagógica deve reconhecer a oralidade dos alunos como ponto de partida e não como obstáculo.

Por fim, é preciso compreender que a escrita escolar é resultado de um processo socialmente mediado. A linguagem que os alunos utilizam na escola é atravessada por suas vivências culturais, familiares e comunitárias. A transformação desse uso linguístico não ocorre por imposição, mas por meio de experiências significativas de leitura, produção e reflexão crítica sobre a linguagem.

5.1.2 Variações regionais e dialetais

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma riqueza de variações regionais que refletem a diversidade histórica, geográfica e cultural do país. No Maranhão, essas variações se manifestam com particular intensidade, resultado das influências de matrizes africanas, indígenas e europeias que compõem a identidade linguística local. Tais características tornam-se evidentes na fala cotidiana e, consequentemente, nas produções escritas escolares dos alunos.

No livro *A diversidade do português falado no Maranhão: o Atlas Linguístico do Maranhão em foco*, Bezerra & Rocha (2006) destacam três fenômenos linguísticos que marcam a fala maranhense: o apagamento do “r” em posição final, a monotongação e a ditongação.

Esses fenômenos, embora próprios da oralidade, são frequentemente transpostos para a escrita por estudantes que ainda não distinguem claramente os usos adequados de cada modalidade. Segundo os pesquisadores já citados acima: “O apagamento do R é um fenômeno linguístico que ocorre em boa parte do Maranhão, na pronúncia de palavras terminadas em R, como ‘calor’ [ka’lo], ‘fazer’ [fa’ze], ‘varrer’ [va’Re]” (Bezerra & Rocha, 2006, p. 16).

A presença desses fenômenos na escrita escolar pode ser interpretada, equivocadamente, como erro gramatical. No entanto, eles devem ser compreendidos como marcas de um sistema linguístico em funcionamento, com regras próprias e coerência interna. William Labov (2008 [1972]) argumenta que toda comunidade linguística possui normas que orientam o uso da linguagem e que essas normas variam conforme o grupo social. A valorização dessa perspectiva permite uma abordagem mais inclusiva e respeitosa do ensino da língua.

Na prática pedagógica, a análise das variações regionais pode funcionar como ferramenta didática eficaz. Ao comparar exemplos da fala local com a norma padrão, os professores podem promover a consciência linguística dos estudantes, ajudando-os a refletir sobre os diferentes usos da língua. Essa prática contribui para a valorização da identidade linguística do aluno, ao mesmo tempo em que amplia sua competência na variedade formal.

É necessário, portanto, repensar a visão normativista que muitas vezes permeia o ensino da língua portuguesa. A escola deve assumir uma abordagem sociolinguística, que considere as variações linguísticas não como desvios, mas como expressões legítimas da diversidade cultural brasileira. Essa perspectiva favorece uma educação linguística mais democrática e sensível às especificidades regionais.

5.1.3 Influência da mídia e das redes sociais

A mídia, especialmente as redes sociais digitais, transformou significativamente as práticas linguísticas da juventude contemporânea. O contato constante com a linguagem informal, abreviada e multimodal tem impactado diretamente a forma como os estudantes lidam com a escrita no contexto escolar. Essa influência, embora muitas vezes tratada como um problema, pode também ser vista como uma nova possibilidade de compreensão das dinâmicas do letramento na atualidade.

É inegável que a linguagem das redes sociais difere do padrão formal exigido em ambientes acadêmicos. Expressões como "vc", "blz", "to indo", "top", entre outras, fazem parte de um vocabulário que se constrói com base na economia linguística, na instantaneidade da comunicação e no vínculo afetivo entre os interlocutores. Para Coscarelli (2009), essa linguagem "reconfigura o ato de

escrever, instaurando um

novo código baseado na rapidez, no encurtamento e na performance visual do discurso” (p. 78). No entanto, o domínio desse novo código não significa, necessariamente, a perda da competência linguística formal, mas uma ampliação do repertório expressivo.

Muitos estudantes acabam transpondo para a escrita escolar os elementos da linguagem digital, especialmente quando não possuem clareza sobre os diferentes registros da língua. A ausência de consciência situacional leva ao uso de formas inadequadas em contextos que exigem formalidade.

Xavier (2010) salienta que o papel da escola, nesse caso, não é reprimir o uso dessas linguagens, mas ensinar o aluno a alternar entre elas de acordo com a situação comunicativa. Esse processo é conhecido como variação de registro e é fundamental para a formação de um falante competente. Coscarelli (2009, p. 78) ainda acrescenta: “A escrita digital instaura um novo modo de expressão, mais rápido, fragmentado e visual, com base em códigos próprios que desafiam as normas tradicionais da língua”.

Além disso, os meios de comunicação em massa, como novelas, músicas populares e vídeos curtos de plataformas como TikTok e Instagram, também influenciam a maneira como os jovens falam e escrevem. A popularização de gírias, expressões regionais estilizadas e construções sintáticas simplificadas são elementos comuns nessas mídias e acabam sendo incorporados ao repertório linguístico dos estudantes. Tais manifestações revelam, de forma clara, que o uso da língua é altamente sensível ao contexto cultural e tecnológico.

Por fim, é importante destacar que a escola não deve ignorar ou demonizar essas influências, mas integrá-las criticamente ao ensino da linguagem. Levar para a sala de aula discussões sobre a linguagem utilizada nas redes sociais pode ser uma oportunidade de promover reflexões sobre adequação linguística, variação de registros e pluralidade comunicativa. Dessa maneira, é possível transformar a presença da mídia e da linguagem digital em aliadas no processo de ensino-aprendizagem da escrita formal.

5.2 Fatores Cognitivos e Psicológicos

A produção escrita é uma atividade que demanda não apenas domínio linguístico, mas também o funcionamento articulado de processos cognitivos e emocionais. Entre os estudantes do Ensino Médio, especialmente em contextos de maior influência da oralidade, como ocorre em Lago da Pedra (MA), fatores como o processamento da linguagem, a ausência de hábito de leitura e sentimentos de ansiedade e insegurança impactam diretamente a qualidade da escrita.

A transição da fala para a escrita exige habilidades metalinguísticas complexas, além de memória de trabalho eficiente e consciência fonológica bem desenvolvida, aspectos que nem sempre são estimulados adequadamente no ambiente escolar. Além disso, a falta de exposição a práticas regulares de leitura e um ambiente pedagógico excessivamente normativo podem contribuir para o bloqueio criativo e o medo do erro, inibindo a expressão textual dos alunos.

Assim, é essencial que o processo de ensino-aprendizagem da escrita considere essas dimensões cognitivas e afetivas, promovendo estratégias que valorizem a experimentação, a reflexão crítica e o fortalecimento da autoconfiança dos estudantes.

5.2.1 Processamento da linguagem

O processamento da linguagem envolve mecanismos cognitivos complexos que possibilitam a compreensão e produção tanto da fala quanto da escrita. Para os estudantes, a transição da oralidade para a escrita requer o desenvolvimento de habilidades específicas que vão além da simples transcrição do que é falado. É necessário reconhecer que a escrita exige planejamento, organização, revisão e adequação ao contexto comunicativo, processos nem sempre automáticos para todos os aprendizes.

Nesse sentido, muitos alunos enfrentam dificuldades cognitivas para mapear as diferenças estruturais e funcionais entre oralidade e escrita, o que pode resultar em interferências que comprometem a produção textual. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a escrita é uma representação simbólica que deve ser construída a partir de hipóteses e experimentações, processo que exige habilidades metalinguísticas que ainda estão em desenvolvimento nos jovens.

Além disso, o processamento da linguagem escrita exige um nível maior de abstração e consciência fonológica. Conforme Lima (2015), “a percepção dos sons e a associação entre fonemas e grafemas é um processo gradual que demanda estímulos adequados e repetidos, principalmente quando há interferências da variação fonética da fala regional” (p. 142). Essa relação entre sons e letras pode ser dificultada por hábitos linguísticos estabelecidos na oralidade.

“A escrita não é uma simples transposição da fala, mas um sistema de representação com regras próprias que demandam do aprendiz a aquisição de competências específicas, entre elas, a consciência metalinguística e a habilidade de planejar e revisar o texto” (Ferreiro & Teberosky, 1999, p. 64).

Para além da estrutura, o processamento envolve ainda a memória de trabalho, que é sobrecarregada quando o aluno tenta lidar simultaneamente com a norma padrão e os traços regionais da fala. Essa sobrecarga pode gerar erros na escrita e dificultar a fluência textual, reforçando a necessidade de metodologias que favoreçam a automatização dessas habilidades.

Por fim, o desenvolvimento dessas competências depende da exposição sistemática a práticas de leitura e escrita orientadas, que estimulem o aluno a refletir sobre a língua como sistema. Assim, o ensino deve ir além da correção gramatical e incluir atividades que promovam a consciência linguística e o controle metalinguístico.

5.2.2 Falta de hábito de leitura

A leitura é um dos principais fatores que contribuem para o aprimoramento da escrita, pois amplia o repertório lexical, a compreensão textual e o conhecimento das estruturas formais da língua. No entanto, em muitas regiões, inclusive no Maranhão, observa-se um déficit no hábito de leitura entre os jovens, o que impacta negativamente o desenvolvimento da competência escritural.

A ausência desse hábito compromete a familiarização dos estudantes com a norma padrão e com os gêneros textuais exigidos na escola. Conforme Soares (2017, p.98), “a leitura sistemática é fundamental para a internalização das estruturas linguísticas e a ampliação do repertório vocabular, fatores indispensáveis para a produção textual de qualidade”. Sem contato frequente com textos bem elaborados, o

aluno tende a reproduzir em sua escrita elementos que refletem mais a oralidade do que a escrita formal.

Essa lacuna, muitas vezes, é agravada pela pouca oferta de livros e materiais de leitura adequados no ambiente escolar e familiar. Em muitos casos, a leitura se restringe aos textos obrigatórios para as aulas, sem estímulos que promovam o prazer e o interesse pela leitura autônoma. Tal cenário prejudica o desenvolvimento de estratégias leitoras e escritoras.

“O contato constante com a leitura não apenas incrementa o vocabulário e o conhecimento gramatical, mas também promove a sensibilização para os diferentes usos da língua, ampliando a capacidade crítica e reflexiva do estudante sobre a linguagem” (Soares, 2017, p. 102).

Portanto, fortalecer o hábito da leitura é um desafio que envolve não só a escola, mas também a família e a comunidade, visando criar ambientes ricos em estímulos linguísticos variados e significativos. Esse fortalecimento pode ser um importante caminho para minimizar as interferências da oralidade na escrita.

5.2.3 Ansiedade e insegurança na escrita

Aspectos psicológicos como ansiedade e insegurança exercem papel decisivo no desempenho dos estudantes em atividades de escrita. A percepção de que a norma padrão é complexa e de difícil domínio pode gerar medo do erro e bloqueios, interferindo na fluidez e qualidade dos textos produzidos.

Segundo Vygotsky (1998), o desenvolvimento cognitivo está ligado à interação social e emocional do indivíduo, e ambientes que não promovem segurança afetiva podem dificultar a aprendizagem. A escola, ao exigir padrões rigorosos sem considerar as dificuldades reais dos alunos, pode contribuir para o aumento da ansiedade relacionada à escrita.

A insegurança muitas vezes leva os estudantes a evitarem produções mais elaboradas ou a reproduzirem mecanicamente fórmulas aprendidas, dificultando o desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico na escrita. Conforme Silva (2016, p.73), “a ansiedade pode afetar a capacidade de organizar ideias, refletir sobre a língua e controlar os aspectos formais do texto, limitando o potencial expressivo do aluno”. O pesquisador ainda acrescenta:

“A escrita é um processo emocionalmente carregado, e a falta de autoconfiança pode provocar bloqueios que dificultam o desenvolvimento da competência escritora, especialmente quando o aluno percebe a norma padrão como distante de sua realidade linguística” (Silva, 2016, p. 75-76).

Portanto, para além dos aspectos linguísticos, é necessário que o ambiente escolar promova o acolhimento, incentive a experimentação e valorize os avanços do aluno, mesmo que esses estejam distantes da norma padrão. Um olhar sensível e compreensivo contribui para reduzir a ansiedade e estimular o progresso na produção textual.

5.3 Fatores Estruturais da Língua Portuguesa

A estrutura da língua portuguesa apresenta características formais que, muitas vezes, entram em conflito com as práticas linguísticas espontâneas oriundas da oralidade. Essa tensão entre fala e escrita constitui um dos principais desafios enfrentados por estudantes em processo de letramento formal.

Elementos como o registro coloquial, as variações fonéticas e morfossintáticas e o distanciamento da norma padrão influenciam diretamente a construção textual escolar. A escrita, diferente da fala, exige maior controle, planejamento e domínio das convenções gramaticais — exigências que, por vezes, conflitam com a forma natural de expressão linguística adquirida no convívio familiar e comunitário.

Assim, compreender os fatores estruturais da língua portuguesa não implica apenas ensinar regras normativas, mas também promover nos alunos a capacidade de reconhecer, refletir e adaptar seu repertório linguístico às diversas situações comunicativas. Nesse contexto, a atuação pedagógica deve buscar o equilíbrio entre a valorização da diversidade linguística e o desenvolvimento da competência escrita conforme as exigências acadêmicas e sociais.

5.3.1 Proximidade entre fala e escrita

A relação entre fala e escrita é complexa e permeada por distinções que nem sempre são claras para os aprendizes da língua. Embora ambas sejam formas de expressão linguística, a oralidade e a escrita apresentam estruturas, funções e contextos distintos, o que torna a simples transposição da fala para a escrita um desafio constante para muitos estudantes.

Muitos alunos, sobretudo em contextos socioculturais em que a oralidade predomina, tendem a reproduzir características da fala informal em seus textos escolares. Isso ocorre, em parte, porque a fala é mais espontânea, imediata e menos regulada por normas rígidas, diferentemente da escrita, que demanda planejamento e respeito às convenções linguísticas. Como Bagno (2007, p.53) ressalta, a oralidade é “a forma natural e cotidiana de comunicação, marcada por aspectos contextuais e sociais que influenciam diretamente seu uso”.

Essa proximidade entre fala e escrita pode levar a interferências, em que traços da linguagem oral, como gírias, coloquialismos e variações fonéticas, aparecem em textos formais. Por vezes, esses elementos refletem a identidade do falante, mas em contextos escolares podem ser interpretados como inadequações ou erros, evidenciando um conflito entre as variedades linguísticas.

“A escrita não pode ser vista como mera transcrição da fala, pois possui suas próprias regras e finalidades comunicativas, que requerem do aprendiz a capacidade de distinguir entre os dois modos e adequar seu uso conforme o contexto” (Ferreira, 2018, p. 112).

Entender essas diferenças e trabalhar pedagogicamente essa transição é essencial para que os estudantes desenvolvam competência comunicativa plena. A escola tem o papel de mediar esse processo, promovendo a reflexão crítica sobre as variações e as normas, e facilitando a aprendizagem da norma padrão sem desvalorizar a oralidade.

Por fim, a proximidade entre fala e escrita não deve ser encarada como um obstáculo absoluto, mas como um ponto de partida para o desenvolvimento de práticas linguísticas flexíveis e conscientes, que respeitem a diversidade e as especificidades de cada registro.

5.3.2 Influência do registro coloquial

O registro coloquial é a variedade da língua utilizada em situações informais e cotidianas, caracterizado pela espontaneidade, simplicidade e uso de expressões regionais e sociais. Esse registro tem grande influência sobre a produção textual dos alunos, sobretudo nos primeiros anos escolares, quando ainda estão em processo de aquisição das normas formais.

Na escrita escolar, a presença de marcas do registro coloquial, como frases incompletas, uso de contrações e simplificações, reflete a naturalidade da fala e a dificuldade dos estudantes em separar os registros linguísticos conforme o contexto. Como afirma Marcuschi (2011, p.85), “o registro coloquial corresponde a um modo de interação marcado pela proximidade e informalidade, que difere significativamente da linguagem formal e acadêmica”.

Essa influência pode resultar em textos que, apesar de comunicativos, apresentam desvios em relação à norma padrão, o que pode gerar avaliações negativas e desmotivação. No entanto, compreender essa influência é fundamental para que educadores desenvolvam estratégias que incentivem a transição gradual para registros mais formais, sem desconsiderar as competências já adquiridas.

“O desafio pedagógico está em ensinar os alunos a reconhecerem e usarem adequadamente os diferentes registros da língua, promovendo o desenvolvimento de um repertório comunicativo diversificado” (Marcuschi, 2011, p. 87).

Além disso, o uso do registro coloquial pode ser valorizado como recurso estilístico em determinados gêneros textuais, como narrativas orais e textos jornalísticos de opinião, desde que o aluno saiba diferenciar e escolher o registro adequado para cada situação comunicativa.

Em síntese, a influência do registro coloquial na escrita dos estudantes é um fenômeno natural que demanda ações pedagógicas sensíveis e contextualizadas, visando o equilíbrio entre a valorização da diversidade linguística e o domínio da norma padrão.

5.3.3 Dificuldades com a norma padrão

A norma padrão da língua portuguesa é o conjunto de regras convencionadas para o uso formal da língua, especialmente em contextos educacionais, profissionais e oficiais. Para muitos estudantes, especialmente aqueles oriundos de contextos socioculturais em que a norma culta não é falada cotidianamente, o domínio dessa variedade linguística representa um desafio considerável.

A dificuldade de acesso à norma padrão pode ser explicada pela distância entre a variedade falada em casa e na comunidade e as regras prescritas pelo ensino

formal. Bagno (2007, p.72) enfatiza que “a norma padrão é uma construção social e histórica, que nem sempre reflete a realidade linguística da maioria dos falantes”. Essa disparidade contribui para a insegurança e para os erros frequentes em produções escritas.

Além disso, muitos alunos apresentam dificuldades específicas relacionadas à ortografia, concordância, regência e pontuação, áreas em que as regras são complexas e exigem maior esforço cognitivo para assimilação. Tais dificuldades são potencializadas quando as variações regionais interferem na percepção dos sons e na correspondência grafema-fonema. Silva & Souza (2019, p. 94) corrobora afirmando que “O aprendizado da norma padrão deve ser encarado como um processo gradual e contextualizado, que respeita as diferenças linguísticas e valoriza o percurso individual do aprendiz”.

O papel da escola, nesse cenário, é fundamental para oferecer um ambiente que combine rigor e acolhimento, favorecendo práticas que aproximem o estudante da norma padrão sem desconsiderar suas origens linguísticas. Estratégias que envolvam a leitura, a produção textual orientada e a reflexão metalinguística são essenciais para superar essas dificuldades.

Por fim, o domínio da norma padrão não deve ser visto como sinônimo de exclusão das variedades linguísticas locais, mas sim como uma ampliação do repertório linguístico do aluno, que passa a ter a capacidade de transitar entre diferentes registros e contextos comunicativos.

6 METODOLOGIA

O presente capítulo tem como finalidade apresentar a metodologia a ser implementada neste trabalho, que será feita a partir da análise das produções textuais dos alunos do 1º ano “A” do Ensino Médio matutino da escola Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick, situada no município de Lago da Pedra – MA.

As atividades de escrita foram desenvolvidas a partir do gênero textual crônica, o qual, por sua natureza híbrida e por permitir o trânsito entre o cotidiano e a reflexão crítica, mostrou-se adequado para a observação das marcas linguísticas oriundas da oralidade regional.

Dando continuidade às discussões teóricas expostas nos capítulos anteriores — que abordaram os aspectos históricos, cognitivos, estruturais e sociolinguísticos relacionados à influência da oralidade na escrita — esta seção tem por objetivo comprovar, com base nos dados empíricos, a incidência de fenômenos linguísticos próprios do português falado no Maranhão nas produções escolares. A análise será conduzida sob duas vertentes metodológicas: uma quantitativa e outra qualitativa, de forma a oferecer uma compreensão mais abrangente do corpus coletado.

Autores como Marconi e Lakatos (2003) defendem que a pesquisa quantitativa é caracterizada por mensurações objetivas e verificáveis, permitindo a sistematização dos dados e a observação de padrões e regularidades.

Já a pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), propõe uma abordagem interpretativa, centrada na compreensão dos significados e dos contextos em que os fenômenos ocorrem. No presente trabalho, optou-se por articular ambas as abordagens, garantindo rigor na descrição estatística e profundidade na análise contextual dos dados linguísticos.

É importante salientar que a pesquisa realizada com esses alunos foi feita para tentar comprovar a relação oralidade x escrita, por isso, apesar de o gênero tratado – crônica – por definição, em sua escrita tenha traços de informalidade linguística, foi solicitado que os alunos mantivessem, ou pelo menos tentassem manter a norma padrão da língua portuguesa, pois o objetivo aqui será fornecer comprovação da teoria de que a oralidade se vincula à escrita.

Cabe destacar que, embora o foco seja a identificação e interpretação de traços de variação linguística, a intenção não é rotular tais marcas como “erros”, mas compreendê-las enquanto manifestações naturais de um sistema linguístico vivo, em constante interação com os fatores sociais, culturais e cognitivos do falante-escritor.

Desse modo, pode-se ver se de fato os alunos fogem da norma padrão da língua portuguesa, além dos fatores sociais já citados, como falta de leitura, comunidade a qual convivem, entre outros, o fator oralidade.

7 ANÁLISE DAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS ENCONTRADAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 1º ANO

Este capítulo tem como finalidade apresentar e interpretar os resultados obtidos a partir da análise das produções textuais dos alunos do 1º ano “A” do Ensino Médio matutino da escola Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick, situada no município de Lago da Pedra – MA; em dois subtópicos: das Análises Quantitativa e Qualitativa.

7.1 Análise Quantitativa

A análise quantitativa foi conduzida com base em um conjunto de 30 produções textuais do gênero crônica, elaboradas pelos alunos do 1º ano “A”. Cada texto foi submetido a um protocolo de leitura voltado à identificação de traços linguísticos fonéticos, morfológicos e sintáticos que indicassem a influência da oralidade regional, com especial atenção para os fenômenos descritos por Bezerra & Rocha (2006) e Marroquim (1996), como o apagamento do /r/ em posição final, a monotongação e a ditongação.

É importante frisar que, tal pesquisa foi realizada 1 dia após uma aula expositiva, que durou 2 horas/ aulas, as quais foi mostrado a conceituação do gênero crônica, suas principais características, além de textos do mesmo gênero para que os alunos lessem e se acostumassem. O tempo para que os alunos produzissem suas crônicas foi de 2 horas/ aulas, também.

Existiu todo um ambiente e situação de contextualização, além disso, acerca dos conceitos das variações linguísticas, norma padrão da língua portuguesa, e os fenômenos do apagamento do /r/ em posição final das palavras, ditongação e monotongação, além do resumo deste trabalho, para que estivessem cientes das análises posteriores de suas produções.

Os dados foram tabulados e organizados em categorias distintas, de acordo com a frequência de ocorrência de cada fenômeno. A seguir, apresenta-se um quadro-resumo das ocorrências identificadas:

Fenômenos linguísticos	Quantidade/ porcentagem de alunos que apresentaram o(os) fenômeno(os)	Exemplos encontrados
Apagamento do r	22 alunos/ 73,33% dos alunos	Ele começou a “joga”; pra se “torna”; começou a “leva”; pra “corre”; pra “abri”; para “ganha”; para “consegui realiza”; foi “trabalha”; para “entra”; para “realisa”; conseguiu “ajuda” a família; sonho em “se” uma; vai “estuda”; “acaba” o estudo; vai “faze”; para se “forma”; vai “realiza”; o “maio” sonho; “começa grava”; “começa ganha”; para seus pais “bota”; fomos “tira” todos; ter que “leva”; podia “brinca”; começava a “sorri”; ia “manda”; ir “pode” fazer; para “dá” orgulho; começou a “percebe”; começou a se “esforça”; chorou para mãe dele “da” moeda; esperou todo mundo “termina” de comer; vamos “compra”; o “treinado disso”; meu sonho era “vê”; depois de seu filho “insisti”; ir pros lagos “pesca”; vou “dormi”; vou “vende”; vem “ajuda”; foi “cassa” coco; ia “fica”; começou a “discuti”; para a tia “capricha”; que só vai “bota”; se eu não “conta”; vão “dedura”; não vou “pode fica” com; parava pra “cisti”; ficava doida de “vê”; poder “sai” logo; ser “influence”; nunca se viu “fala”; até “chega”; “vieram vê”; ia ser bom “leva”; para se “prepara”; e lá vai eu “compra” comida.

Ditongação	17 alunos/ 56% dos alunos	“Nois”; “mais” (grafado como o advérbio de intensidade, porém com sentido de conjunção adversativa – mas); “faiz”; “boua”; “veis”; “trais”; “rapais”; “batie”.
Monotongação	13 alunos/ 43,33 % dos alunos	Paxão; “Deixo” (invés de deixou); aceito (invés de aceitou); sonho (invés de sonhou); escapo (invés de escapou); mas (invés de mais); acabo (invés de acabou); “vo”; “otros”; “oto”; “artilheiro”; “dinhero”; “locos” (invés de loucos); “trenar” (invés de treinar); “ligero”; lembro (invés de lembrou); acordo (invés de acordou);

Fonte: próprio autor

Dentre os fenômenos observados, o apagamento do /r/ em final de palavra destacou-se como o mais recorrente nas produções analisadas. Palavras como “fazer” grafadas como “faze”, “jogar” como “joga”, e “comer” como “come” apareceram em uma proporção significativa, o que evidencia a forte presença da pronúncia regional na estrutura escrita. Essa tendência corrobora as análises de Bezerra & Rocha (2006), que identificam esse fenômeno como típico da fala maranhense, sobretudo nas zonas urbanas e rurais da região.

Além do apagamento do /r/ em final de palavras, foi possível observar a ditongação de palavras, como os exemplos do “nois” invés de “nós”, mais invés de mas, “rapais” invés de rapaz. Este fenômeno traz consigo a recorrência, à nível estadual, do acréscimo de fonemas em decorrência de algumas palavras.

Outro fenômeno relevante, embora com menor frequência, foi a monotongação de ditongos nasais e orais, tal como em “paixão” representada como “paxão” ou “vou” como “vo”, o que demonstra uma redução fonológica comum em comunidades de forte oralidade.

Além dos três fenômenos principais, observou-se também o uso de outras marcas de variação linguística, como a ausência do plural em artigos e adjetivos (“você sempre pede”, “as menina”), e a simplificação de formas verbais, como “é minhas amigas”. Além disso, apenas 26,66% da turma não apresentou nenhuma das variações em destaque.

A leitura quantitativa desses dados permite observar que uma parcela expressiva dos estudantes ainda apresenta dificuldades em distinguir os registros linguísticos apropriados para a escrita formal. No entanto, tais dificuldades não devem ser entendidas como falhas individuais, mas como reflexo de um contexto sociolinguístico no qual a oralidade regional tem papel central na formação da competência comunicativa dos sujeitos.

7.2 Análise Qualitativa

A análise qualitativa das crônicas produzidas pelos estudantes do 1º ano “A” do Ensino Médio da escola Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick busca interpretar, de forma aprofundada, os aspectos contextuais, sociolinguísticos e discursivos que envolvem o uso das variações linguísticas identificadas na análise quantitativa. Foram selecionados 4 textos para realizar a presente análise, contudo, as demais estão disponíveis nos apêndices.

Ao adotar essa abordagem, parte-se da compreensão de que o texto escrito é também um espaço de expressão da identidade linguística e social do aluno, influenciado pelas práticas orais de sua comunidade e pelas experiências pessoais com a língua.

Conforme Bogdan e Biklen (1994), a análise qualitativa permite que se compreenda o fenômeno em sua complexidade, considerando os significados atribuídos pelos sujeitos e os contextos nos quais se inserem. Nesse sentido, as variações encontradas nas crônicas analisadas não são apenas marcas linguísticas isoladas, mas indícios de um sistema de significação próprio, muitas vezes afastado da norma padrão, mas coerente com a lógica comunicativa local.

Nas produções textuais observadas, o apagamento do /r/ em posição final não ocorre de forma aleatória, mas aparece com maior frequência em verbos no infinitivo usados em frases coloquiais, próximas do estilo oral. Por exemplo, em trechos como “[...] Ele começou a “joga”; pra se “torna”; começou a “leva, a

supressão do /r/ segue

o padrão fonético da fala popular maranhense, como argumentam Bezerra e Rocha (2006) e Marroquim (1996).

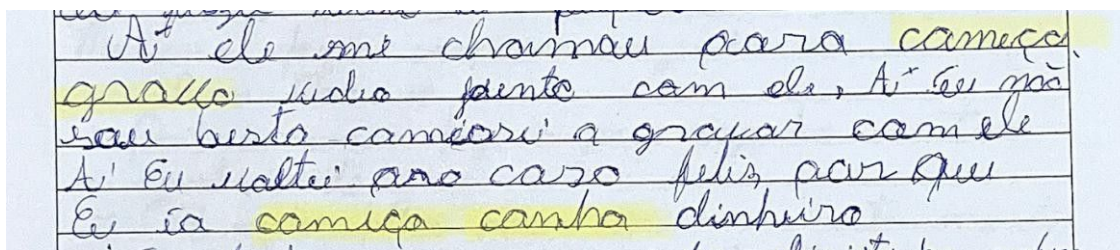
Essas ocorrências não apenas reforçam o fenômeno como traço sistemático da oralidade, mas também revelam a tentativa do aluno de representar no papel uma voz próxima à sua experiência real de comunicação.

Outro ponto importante é a presença da monotongação e da ditongação, que também demonstram certo grau de sistematicidade e intencionalidade estilística. Em casos como “otros” (invés de outros) ou “rapais” (invés de rapaz), observa-se uma tendência à escrita fonetizada, refletindo a maneira como o falante percebe os sons e os traduz para a escrita.

Tais ocorrências são especialmente frequentes em passagens da crônica com maior carga de informalidade, diálogo ou narração de fatos cotidianos. Isso demonstra, ainda que de forma inconsciente, uma tentativa de adaptar o gênero à sua própria realidade linguística.

Outrossim, é imprescindível, que neste trabalho, haja amostras de produções, para mostrar na prática como ocorre a passagem inconsciente da oralidade para escrita. Desse modo, abaixo será mostrado 3 trechos exibindo os fenômenos linguísticos do apagamento do r em final de palavras, ditongação e monotongação, Bezerra e Rocha (2006) nas produções dos alunos do primeiro ano do ensino médio do C.E. Frei Godofredo Bauerdick:

Imagem 1 – Apagamento do r, na produção do aluno 8



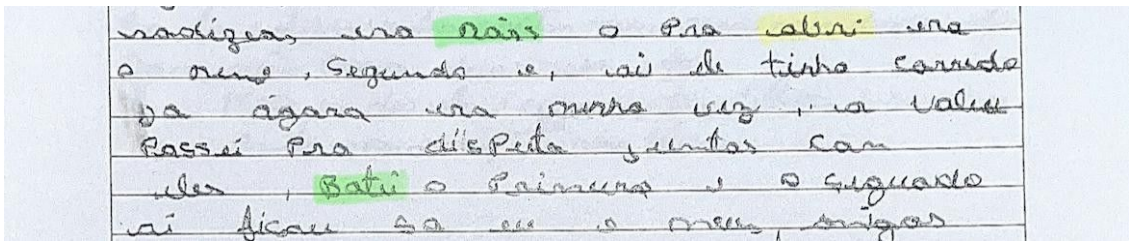
Fonte: próprio autor

O trecho em destaque é do aluno número 8. Está destacado em amarelo o fenômeno do apagamento do /r/. Nesse trecho, é possível perceber como o aluno

redige seu texto sem a percepção plena da escrita formal de verbos no infinitivo. É possível associar sua escrita com a oralidade, pois, no maranhão, ao pronunciar palavras terminadas em “ar”, geralmente, os fonemas vocalizados não compreendem o R alveolar, ou qualquer outro r em final de palavras, mas sim um A tônico, o que por sua vez, sugere a confusão ao escrever palavras da mesma classificação.

Continuando a análise de trechos das produções, pode-se observar também, o fenômeno da ditongação, que se dá como o acréscimo de um fonema, onde ele não deveria estar, como nas palavras grifadas em verde a seguir, na produção do aluno número 2, (na imagem 2):

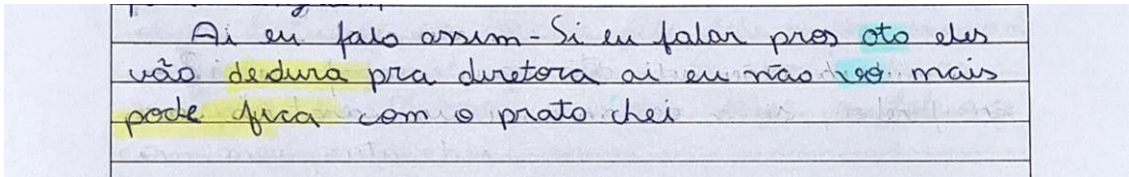
Imagem 2 – Ditongação na produção do aluno 2



Fonte: Próprio autor

As palavras “nois”, “mais”, entre outras expressam bem como a fala pode impactar na produção escrita, pois, pode-se escrever palavras inexistentes na língua portuguesa, como “nois”, ou confundir classificações de palavras, como é o caso de mas e mais.

Imagem 3 – Monotongação na produção do aluno 2



Fonte: Próprio autor

As palavras “oto” e “vo”, escritas pelo aluno número 25, grifadas em azul, expressam como falantes maranhenses verbalizam algumas palavras, muitas vezes, sem pronunciar alguns fonemas, resultando em uma monotongação, o que, por sua vez, pode refletir na escrita também.

Além dos fenômenos fonéticos mencionados, alguns textos revelaram variações morfossintáticas significativas. Expressões como “é as menina” indicam uma aproximação entre o oral e o escrito, o que pode ser interpretado como uma extensão da norma oral para o campo da escrita formal.

Essa transposição, embora apontada como inadequação no ensino tradicional, deve ser vista à luz de uma perspectiva sociolinguística que reconhece o funcionamento legítimo das normas locais dentro de suas próprias estruturas.

Conforme Travaglia (2002), o domínio da norma padrão não implica na negação das outras variedades linguísticas, mas sim na ampliação das competências comunicativas do falante. Dessa forma, a escola deve propor atividades que ajudem o estudante a refletir sobre os usos possíveis da linguagem, sem desqualificar sua forma de falar, mas sim integrando-a como ponto de partida para o desenvolvimento de novas habilidades textuais.

Cabe ressaltar que, apesar das influências da oralidade, muitas produções evidenciaram esforço na adaptação ao gênero crônica, com organização temática, uso de recursos narrativos e tentativa de construção de um ponto de vista. Isso demonstra que, mesmo diante das dificuldades com a norma padrão, os alunos possuem consciência parcial das exigências do gênero e conseguem estruturar textos com sentido e coerência, o que deve ser valorizado como ponto positivo no processo de aprendizagem da escrita.

Imagem 4 –crônica “Futebol”

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 4: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Futebol

era uma vez um menino que queria
 ser um jogador de futebol só
 que ele não tinha dinheiro para
 comprar uma bola o seu pai
 dele não queria que ele jogasse
 futebol porque ele jogava na rua
 mas o menino tinha um sonho de
 ser jogador de futebol e ele foi
 trabalhar para ter dinheiro para
 entrar em uma base de futebol
 para melhorar o seu jogo
 ele trabalhou muito para entrar
 em uma base de futebol ele podia ir
 não para ir jogar na base do Flamengo
 a mãe dele deu a ele dinheiro ele
 para jogar profissional e ele muito
 foi jogar pela seleção brasileira
 e foi campeão da copa do mundo
 duas vezes ficou muito rico e conseguiu
 ajudar a família dele e os irmãos
 teve troca de time porque o time não
 estava pagando ele muito bem

Fonte: Próprio autor

A produção em destaque "Futebol" do aluno número 4, mostra a ocorrência dos três fenômenos anteriormente citados, demonstrando dessa forma uma tendência acima da média à influência da oralidade em sua produção.

Por fim, a análise qualitativa revela que as variações linguísticas observadas não decorrem de desatenção ou descuido, mas sim de um conflito normativo entre o repertório linguístico do aluno e as expectativas da escola. Tal conflito, se não mediado adequadamente, pode gerar insegurança, desmotivação e reforço de estigmas sociais. A abordagem crítica e pedagógica dessas marcas é, portanto, indispensável para a construção de uma educação linguística mais inclusiva e eficaz.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, ao se debruçar sobre as produções textuais dos alunos do 1º ano “A” do Ensino Médio da escola Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick, no município de Lago da Pedra – MA, revelou com clareza a complexidade que envolve a relação entre oralidade e escrita no processo de aprendizagem da norma padrão da língua portuguesa. A análise, dividida em vertentes quantitativa e qualitativa, permitiu não apenas identificar fenômenos linguísticos recorrentes, mas também compreender suas origens, significados e implicações no contexto educacional local.

De maneira geral, os dados obtidos confirmam a hipótese de que a oralidade exerce influência direta sobre a escrita dos alunos, manifestando-se especialmente por meio de fenômenos fonéticos como o apagamento do /r/ em posição final de palavra, a ditongação e a monotongação. Essas ocorrências, longe de configurarem erros aleatórios ou meras distrações, são expressões legítimas de uma competência linguística construída socialmente, ancorada nos usos cotidianos da língua falada na comunidade em que os alunos estão inseridos.

Ao analisar os textos do ponto de vista quantitativo, foi possível constatar que mais de 70% dos alunos apresentaram registros do apagamento do /r/, fenômeno amplamente descrito por estudiosos da linguagem regional, como Bezerra e Rocha (2006), sendo, portanto, um traço fonético relevante da variedade linguística local. A ditongação e a monotongação também marcaram presença significativa, indicando padrões fonológicos próprios da oralidade maranhense que, por não serem

devidamente mediados no processo de alfabetização e letramento, acabam sendo transpostos para o texto escrito.

No entanto, é importante ressaltar que tais ocorrências não devem ser tratadas sob a ótica do erro, mas como indícios de que os estudantes ainda estão em processo de construção de uma competência linguística que os permita alternar entre diferentes registros e adequar sua linguagem às exigências do contexto comunicativo. Como destacam Marcuschi (2001) e Travaglia (2002), a língua é heterogênea por natureza, e cabe à escola desempenhar o papel de mediadora entre os diversos repertórios linguísticos dos alunos e a variedade exigida em situações formais de escrita.

Ademais, a análise qualitativa revelou que os alunos demonstram, ainda que parcialmente, consciência das estruturas do gênero crônica e tentam construir seus textos com sentido, coerência e organização. Isso reforça a ideia de que os desafios enfrentados não se devem à falta de capacidade, mas sim às distâncias normativas entre a língua falada e a escrita formal, muitas vezes reforçadas por práticas pedagógicas que não valorizam as experiências linguísticas prévias dos discentes.

Outro aspecto importante a ser considerado é a implicação dessas variações linguísticas no processo de ensino-aprendizagem. A insistência em um modelo único e prescritivo de língua escrita pode gerar nos alunos sentimentos de inadequação, insegurança e baixa autoestima, sobretudo quando suas formas naturais de se expressar são deslegitimadas no espaço escolar. Como apontado por Silva (2016) e Soares (2017), uma abordagem mais compreensiva e reflexiva da linguagem é necessária para garantir que os estudantes desenvolvam confiança em suas capacidades expressivas e, ao mesmo tempo, avancem na apropriação da norma padrão como mais uma ferramenta comunicativa, e não como substituta de sua variedade de origem.

Diante dos achados apresentados, torna-se evidente que o papel da escola não deve se restringir à correção de desvios em relação à norma padrão, mas sim à criação de estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade linguística dos alunos e promovam a consciência crítica sobre o uso da língua em diferentes contextos. Conforme enfatiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o ensino de

Língua Portuguesa deve reconhecer e respeitar a pluralidade linguística do país, adotando uma perspectiva inclusiva que favoreça a aprendizagem significativa.

Nesse sentido, práticas de ensino que integrem reflexão metalinguística, análise de gêneros textuais diversos e atividades de reescrita orientada podem contribuir para o desenvolvimento da competência escritural dos alunos, sem desvalorizar suas identidades linguísticas. A utilização de textos autênticos, oficinas de leitura e escrita, debates sobre preconceito linguístico e o estudo contrastivo entre variedades regionais e a norma padrão são exemplos de metodologias que podem favorecer esse processo de aprendizagem.

Além disso, é essencial que o professor atue como mediador sensível às condições socioculturais dos estudantes, incentivando o uso consciente da linguagem e promovendo um ambiente em que a escrita seja compreendida como prática social e não apenas como instrumento de avaliação. Nesse contexto, a oralidade, longe de ser vista como um obstáculo, deve ser explorada como ponto de partida para a ampliação do repertório linguístico dos alunos, contribuindo para que adquiram maior domínio dos recursos formais da língua.

Também se faz necessário o fortalecimento de políticas públicas que garantam o acesso a materiais de leitura de qualidade e formação continuada de professores, especialmente em regiões com baixos índices de letramento, como é o caso de muitos municípios do interior maranhense. Tais políticas podem potencializar os esforços da escola no sentido de proporcionar uma educação linguística mais justa, equitativa e sensível às realidades locais.

Por fim, cabe destacar que os resultados aqui obtidos não pretendem esgotar o tema, mas sim contribuir para a compreensão das dificuldades enfrentadas por alunos de contextos sociolinguísticos específicos na aquisição da norma padrão. O reconhecimento das variações como manifestações legítimas da linguagem humana, aliado a uma abordagem pedagógica contextualizada e dialógica, constitui o caminho mais promissor para uma educação linguística que valorize a diversidade e amplie as possibilidades comunicativas dos sujeitos.

Assim, conclui-se que a influência da oralidade na escrita não é um fenômeno isolado, mas um reflexo de fatores estruturais, sociais, psicológicos e educacionais que demandam atenção conjunta de pesquisadores, educadores e formuladores de políticas. Compreender, respeitar e trabalhar pedagogicamente com essa realidade é fundamental para garantir o direito de todos os alunos ao pleno domínio da linguagem escrita, sem abrir mão de suas raízes culturais e linguísticas.

REFERENCIAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. *A diversidade do português falado no Maranhão: o Atlas Linguístico do Maranhão em foco*. São Luís: EDUFMA, 2006. Disponível em: <https://acervo.ufma.br/handle/123456789/126>. Acesso em: 22 mar. 2025.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994. Disponível em: <https://www.portoeditora.pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.

COSCARELLI, Carla. *Letramento digital: novas práticas de leitura e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Disponível em: <https://www.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 03 abr. 2025.

FERREIRA, Aurélio. *Escrita e oralidade na educação básica*. Curitiba: Appris, 2018. Disponível em: <https://www.editorappris.com.br>. Acesso em: 06 abr. 2025.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999. Disponível em: <https://www.grupoa.com.br/artmed>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística: princípios de análise*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br>. Acesso em: 01 mar. 2025.

LIMA, Rosângela Cardoso. *Fonética e fonologia: do som ao sentido*. São Paulo: Cortez, 2015. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 14 mar. 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Disponível em: <https://www.parabolaeditorial.com.br>. Acesso em: 09 abr. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <https://www.editoraatlas.com.br>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MARROQUIM, Afrânio. *Estudos de linguagem popular*. Recife: FUNDARPE, 1996. Disponível em: <https://memoria.recife.pe.gov.br>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SILVA, Simone; SOUZA, Ana Carolina. *Norma padrão e ensino de língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2019. Disponível em: <https://www.mercadodeletras.com.br>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SILVA, Tais Nascimento da. *Fonologia do português: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2003. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 23. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Disponível em: <https://www.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 18 mai. 2025.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br>. Acesso em: 19 abr. 2025.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <https://www.martinsfontespaulista.com.br>. Acesso em: 25 mai. 2025.

XAVIER, Antônio Carlos. *Práticas de linguagem e ensino: desafios da escrita na escola*. Recife: EDUPE, 2010. Disponível em: <https://www.editoraedupe.com.br>. Acesso em: 04 abr. 2025.

ANEXOS



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

Campus Lago da Pedra
Curso de Letras Língua Portuguesa e
Literaturas da Língua Portuguesa -Licenciatura

**AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA
ACADÊMICA**

A(o) senhor(a) Diretor(a) do Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick

A Universidade Estadual do Maranhão/ Campus de Lago da Pedra – MA, vem por meio do Prof. Dr. Waldemberg Araújo Bessa do Curso de Letras, matrícula nº 805907-4, orientador do discente Vitor Ferreira Nascimento Matrícula: 20190105242, aluno do 8º Período, solicitar a colaboração e autorização da referida escola em participar como objeto de pesquisa de campo. O objetivo deste pedido é exclusivamente coletar dados para pesquisa quanto-qualitativa, que envolve a produção de textos dos alunos e, logo em seguida, análise com resultado estatístico e descritivo-analítico. O tema da pesquisa de campos do discente é **A INFLUENCIA DA ORALIDADE NAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS ENCONTRADAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 1º ANO DO CENTRO DE ENSINO FREI GODOFREDO BOUERDICK EM LAGO DA PEDRA – MA.**

O tema não envolve nenhuma forma de arrecadação financeira, sendo a única finalidade da participação da escola é a contribuição para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do referido aluno. As informações oferecidas pelo corpo docente e discente, sendo necessárias, serão apenas para análises referidas acima ao qual as identificação serão apenas pela inicial de seu(s) nome(s) e pela idade.

A colaboração da escola será importante para a o surgimento de novos profissionais na área de Letras, trazendo inovações educacionais, contribuições pedagógicas e perspectivas diferentes para cada situação que possa surgir no meio docente.

Desde já agradecemos o apoio ao ensino e ficamos à disposição para qualquer esclarecimentos.

Lago da Pedra (MA), 03 de 04 de 2025.

Fernanda S. Araújo
Assinatura do professor regente

Amelie Moure Leite
Assinatura do Gestor Pedagógico da Escola

Vitor Ferreira Nascimento

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Documento assinado digitalmente
gov.br WALDEMBERG ARAUJO BESSA
Data: 16/03/2025 11:22:34-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do Orientador da pesquisa

CARTA DE ACEITE

1. IDENTIFICAÇÃO DO(S) ACADÊMICO(S)

Nome: VITOR FEIRREIRA NASCIMENTO Matrícula: 20190105242

Turma: 8º Período

Turno: Noturno

2. TÍTULO DO PROJETO

A INFLUENCIA DA ORALIDADE NAS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS ENCONTRADAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 1º ANO DO CENTRO DE ENSINO FREI GODOFREDO BOUERDICK EM LAGO DA PEDRA - MA

Tipo de TCC: (☒) monografia (☐) proposta

3. IDENTIFICAÇÃO DO DOCENTE ORIENTADOR

Nome: Waldemberg Araújo Bessa

Matrícula: 805907-4

Eu, Waldemberg Araújo Bessa, venho por meio desta declarar que aceito orientar o(s) acadêmico(s) Vitor Feirreira Nascimento na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, em conformidade com as Normas Gerais do Ensino de Graduação provadas pela Resolução nº 1045/2012 (CEPE/UEMA), tendo como tema de pesquisa: AS VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS ENCONTRADAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO.

Onde declaro, na oportunidade, que comunicarei, por escrito, a Coordenação caso da orientação do aluno, com a exposição clara e objetiva das razões que motivaram esta minha decisão.

Lago da Pedra-MA, 16/03/2025

Documento assinado digitalmente
gov.br WALDEMBERG ARAUJO BESSA
Data: 16/03/2025 11:22:34-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do(a)
Orientador(a)

APÊNDICES

Registro do primeiro encontro com os alunos pesquisados no dia 15/ 04/ 2015



Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento

Data: 16/04/2025

Aluno (a) 1:

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Neymar

Era um menino que sonhava em ser jogador de futebol ele começou a jogar logo no meio com seus amigos e depois seu pai viu que ele tinha talento para se tornar jogador de futebol comprou uma chuteira para ele começou a levar ele para o quadro e depois a Neymar se destacou e começou o jogo em time grande como juventude aí foi contratada pelo Barcelona mais como ele jogava em quadro o time do Barcelona era de compra então após de menino começou o insinar ele a jogar no campo passou mais de três anos que ele aprendeu o jogo após dele deixou o garoto para entrar no arinar a contratar ele arinar a contratar com o Barcelona e daí por frente sua carreira aumentou cada vez mais passou por vários times diferentes como PSG, Al Hilal, Santos aí ele decidiu se aposentar ele se aposentou no Santos.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 2: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Vaquejada

Fui pra vaquejada antes mais meus amigos me diverti muito Primeira não se agitar pra cair na Primeira rodada, na não, que iam cair eu o Jairo, André, não, Primeiro das rodadas, na não o pra cair na o não, Segundo e, aí de tinha corrido da agora era muita vez, a Válio Rossi pra disputa juntos com eles, Bati o Primeiro e o segundo aí ficou só eu e meus amigos e uns cara lá mas continuando corrido, aí que ficou só não aí o Jairo saiu da disputa final e ficou só eu e o não e outro aí eu falei pra ele, não bone natal pra garoto disse cara ele confirmou aí ficou só eu e ele aí não racheou.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Yitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 3: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

A evolução de Sara

Sara é uma menina de 18 anos, ela viveia no meio da rua, perdida nas drogas, seus pais a expulsaram de casa porque descobriram que ela estava fazendo coisas erradas.

Um certo dia uma senhora dos cabelos brancos chega pra ela e diz: - Venha aceitar Jesus, Sara, sua vida muda. Sara não pensou duas vezes e foi.

Hoje em dia ela é casada, tem filhos e vive a Deus junto com sua ^{família} e é muito feliz.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick

Data: 16/04/2025

Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento

Aluno(a) 4:

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Futebol

Era uma vez um menino que queria
 ser um jogador de futebol só
 que ele não tinha dinheiro para
 comprar a malha o seu pai
 dele não queria que ele jogasse
 futebol porque ele jogava na rua
 mas o menino tinha um sonho de
 ser jogador de futebol e ele foi
 trabalhar para ter dinheiro para
 entrar em uma base de futebol
 para malhar o seu sonho
 ele trabalhou muito para entrar
 em uma base de futebol ele podia ser
 não para ir jogar na base do Flamengo
 a mãe dele deu e lá ele chegou ele
 depois jogou profissional e ele muito
 foi jogar pela seleção Brasileira
 e foi campeão da copa do mundo
 duas vezes ele ficou muito rico e conseguiu
 ajudar a família dele e os irmãos
 teve troca de time porque o time não
 estava pagando ele muito bem

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 5:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

um sonho de uma criança de 12 anos

É SAÍRIANÇA SEMPRE SONHO EM SE UMA
ADVOGADA POR QUE ELA QUER LINDO E
ELA UM DIA FALOU PARA SUA MÃE QUE VAI
ESTUDA MUITO PRA QUÊS ACABA O ESTUDO
VAI FAZER UMA FACULDADE PARA SE FORMA
EM UMA ADVOGADA. VAI REALIZA O MAIOR
SONHO DA VIDA DELA. EM QUÊS ELA TAVA QUÊS
TERMINADO A FACULDADE DELA ALGUÉM PESSOA
FICAVA FALANDO QUE ERA MUITO PERIGOSO TRABALHAR
COM ISSO. MAIS ELA SEGUIU EM FRONTE

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 6: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

A infância de Maia e o amigo vergenhoso.

Maia era uma menina ~~sombria~~ ~~que~~
~~se pensava~~ ~~no~~ ~~bem~~ ~~de~~ ~~seu~~ ~~próximo~~, ela
 obedecia muito os seus pais; era responsável,
 sua mãe tinha uma melhor amiga que
 eram da mesma idade e tiveram filhos juntos.
 Maia e Ana cresceram juntas, amavam
 brincar no parquinho, ir para o lanche-
 rete da Pai da Maia. Maia tinha vários
 venturos colegas, só Ana tinha apenas Maia.
 Maia era chamada para vários aniversários.
 Ana ficava muito triste mas Maia nunca
 ia para ficar com ela e sempre falava
 - não fica triste, não vou para brincar
 com você. E Ana falava - não, pode ir,
 só não tenha muitos colegas porque eu sou
 tímida. Passou-se bastante dia e elas
 foram para o parquinho e lá tinham
 vários colegas de Maia e ela apresentou
 Ana para para seus colegas, Ana ainda
 um pouco tímida falou para Maia bem
 baixinho - foi seu para casa. Maia
 falou - mas porque? você não está com
 vergonha dos meus colegas não, né?
 Ana respondeu - um pouco não sabe
 que eu sou tímida né. Os amigos de
 Maia falaram - gostei muito da sua
 amiga, vamos brincar um pouco. Ana
 ainda estava um pouco com vergonha
 mas foi brincar, e depois ela falou pra
 Maia assim. - gostei muito dos seus colegas
 E Maia respondeu. - viu, não sou quanta vergonha
 não era essa. e assim ele teve muitos colegas.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 7:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

O menino teimoso
 O menino teimoso se chamava
 Coique. Ele não obedecia ninguém e
 quem quem morava com ele, era imple-
 nante com todo mundo e apertava
 muito na sua por causa da sua igno-
 rância, que fazia de vinha de casa na
 chucando a sua mãe dizia
 - Meu filho para de ser ignorante e teim-
 oso
 Mas por causa da sua teimorância
 ele não obedecia, fazia coisa por que
 ele fazia de novo por teimorância de sua
 de casa a noite sem a permissão dos pais,
 um dia ele quis brincar em sua mãe que
 nos matar ele não quis e ele não
 deixou de aparecer na casa certa batia
 no Coique ele chorava e pedir de perdão
 os pais da desculpa só que a mãe perdia
 ele e os pais dele não queriam isso no
 dia porque que ele tinha entendido de p-
 ara ser teimoso, mais só que não dá para
 ele não escondido fazia que ele não chega
 a se preocupando ele que ele sabe de
 notícia que ele morava, um como por por
 cima

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 8: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

As Piras

Eu era em carro que via pticiando
em pipa, todo dia Eu ia pra rua
sautar pipa, Até que um dia
Eu tinha ido m uma cidade
que se chamava lago da pedras
E nesse cidade tinha um carro
muito famoso mas redes saciar
ele fazia uideo de pipa.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 9:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

O pedido do pai de Mariana

O pai de Mariana era um homem muito ocupado e a mãe de Mariana estava viajando na casa de seus avós.

Mariana virou dona de casa por enquanto. Ela via a casa, lavava roupa, passava o pano na casa, cozinhava, também ia para a escola e dava. Certo dia as comidas de casa e o sabão tinham acabado, então seu pai que era um homem muito ocupado pediu para Mariana fazer comprar rosinha.

Diz a Mariana

- Pai! eu nunca fiz compras rosinha em toda a minha vida.

- Oh! minha filha papai é um homem muito ocupado, se eu pudesse eu iria, mas não. Por favor! vai no mercado só dessa vez.

- Tá bom pai, mas só dessa vez.

- Obrigado! filha.

Então ela pegou o cartão e foi para o mercado. Ela comprou tudo o que faltava. Quando ela chegou em casa teve uma grande surpresa.

- Que! como foi esse tempo sendo dona de casa minha filha? (Diz a Mãe)

- Mãe, eu estava como muitas saudades da senhora, eu não quero ser dona de casa tão cedo.

- Muito porque?

- É muito difícil ser dona de casa não tem qui lavar louça, lavar roupa, cozinhar a casa e fazer o lanche...

- Haha Haha

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 10: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A" A

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

10 Neymar

Era uma vez um menino quando criança tinha um sonho em ser um jogador profissional, só que ele nasceu de uma família pobre. Mas foi em 1982 ele tinha seus cinco anos de idade falou a ideia para seus pais até ele em uma escola de futebol pois seu sonho era ser um jogador de futebol e seus pais morando de péssima situação o filho falava que não podia colocar ele em uma escola de futebol por que as condições delas não era muito boa e o menino mesmo estando triste aceito e entendeu a situação então ele ia jogar em um campo de rua cidade e o garoto tinha muita habilidade.

Então certa dia um alheio foi ao campo olhar os meninos jogando e gostar do jogo dele e foi embora pois o menino era muito novo ainda depois de 10 anos esse alheio voltou pro campo na esperança de reencontrar o menino e esse menino foi jogar e o alheio ficou impressionado de como o Neymar tinha melhorado e contratou ele para uma hora amadora foi daí que começou sua carreira antes Timon Gensseim se interessaram e contrataram ele, foi daí que ele tornou um dos melhores jogadores da história.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 11:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

(1) Nascimento de um Rei
 Num uma cidade pequena, um menino gostava
 muito de jogar bola com seus amigos
 mais sua mãe não gostava, ele brincava
 um pouco mais e não queria ir
 a escola, ele queria ir trabalhar, quando
 terminou ele ia jogar bola, aí teve
 uma discussão com o pai dele do resto
 ele foi chorar os amigos dele. Por
 Particular, mais ele não tinha dinheiro
 então ele foram trabalhar um pouco de
 dinheiro e os amigos foram a escola
 correram, tá lá chorando muito aí ficou
 ele e o amigo dele em um buraco de barro
 aí que o barro caiu em cima dele, ele escorpi
 mais o amigo dele não, ele ficou muito
 triste, não queria mais jogar bola,
 o pai dele do resto gostou do talento dele
 ele completou 16 anos e estava ajudando o
 pai dele limpar o hospital, aí que a mãe
 dele viu como ele estava e ligou pro
 pai dele do resto, quando ele chegou do
 trabalho o pai dele estava na casa dele,
 ele chorava os olhos, aí foi pro resto
 jogou muito bola lá no resto e foi
 conhecido por alguns brasileiros, ele ficou
 muito feliz e foi jogar na seleção
 e foi campeão da copa do mundo.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 12:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Pescaria

Eu mas João Lucas nos acordamos 5 horas da manhã para pescar peixe para vender no Passemos 4 horas pescando tilapia para vender e tinha 8 incumbidas e nos pegamos os 8 quilos de peixe ai nos acordamos 4 horas da manhã para nos pescar peixe para vender para as pessoas da santa teriza e nos vendemos 10 quilos de peixe para as pessoas e nos ganhemos 170 reais, vendendo peixe ai nos fomos passar a Rêde de pescaria a nos pegamos um sacode karai e um tambaqui e tilapia e também um jacaré na Rêde de pescar ai nos matamos o jacaré de facão ai eu mas João fomos pescar de noite tilapia e nos pegamos 30 quilos de peixe no inguancho de 50 metros ai nos pegamos muitos tambaqui ai nos fomos tirar todo os tambaqui do inguancho ai nos passamos mais de 5 horas pescando i vendo os inguancho para ver se nos pegamos os tilapias mas nos pegamos so piaba e karai ai nos fomos so pagar taxa para ver se nos pegamos os tilapia nos pegamos 3 tilapias de 1quilo.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 13:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

○ Menino que queria ser livre

Muito cedo o menino foi diagnosticado com uma doença que ele ia ter que ter por toda vida a doença era o vitiligo.

Ele sofria muito durante a sua infância pois tinha muita vergonha do seu corpo enquanto as outras crianças podia ler ca de loda no time sem camisa quando ele tirava a camisa os menino cumecava a sorri dele. Tere um dia que ele disse que quando tivesse mais velho ele ia manda fazer uma tatuagem da cor da pele dele mais enquanto isso não chega ele passa o dia contando as horas pra ter 18 anos e in pode fazer a tatuagem.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 14: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Qual é seu tipo??

- Bem tenho vários tipos, mas tenho tipos que quase ninguém sabe

Meu tipo 1 é carros, eu sou uma garota que é viciada em carros, principalmente na marca BMW. Eu também gosto de motos?

- Bem eu também gosto de profissões mas minha preferida é mafioso

Eu gosto do mafioso por que o mafioso tem vários gêneros. Por conta de alguns livros que lizo.

- Eu gosto de livros Dark Romance é meu favorito.

Por que se nem sempre o heróis ficam com a princesa. O Dark Romance, fala que nem sempre todo o amor é o príncipe encantado e sim o vilão

- Bem esses são meus tipos favoritos que quase ninguém sabe

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 15:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Mães não entendem

Eu adoro arte, sempre amei e me encontrei nela, mas meus pais não entendem, sempre dizem a mesma coisa:

— Vai ler um livro, minha filha, já falei que isso não vai te levar a lugar nenhum.

— Mas mãe, eu quero pintar agora, já falei que posso ler um livro outra hora.

— Ache bom você ler mesmo, e quando eu voltar não quero ver coisa bagunçada toda aqui.

— Vai limpar, ok? eu sempre limpo, mãe.

E é sempre assim, ela nunca me entende, sempre dou o meu máximo pra ela, mas nunca é o suficiente e a única coisa que eu realmente gosto de fazer ela não gosta e nem aprova, mas não quero desistir por causa dela, e nem vou, pra ela isso não passa de uma porcaria meaquenta, mas é parte de mim, e não vou deixar ela tirar isso de mim.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 16:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Juliana a menina dedicada

Juliana é uma menina dedicada aos estudos. Sua mãe tem muito orgulho da sua dedicação e ela é a mais inteligente da sua turma. Seus Professores tem muito orgulho de Juliana. Ela se esforça bastante. Por do orgulho a sua mãe em um certo dia a sua mãe enlouqueceu e ela começou a brigar muito com Juliana. Ela começou a falar um monte de coisas. Para Juliana até que Juliana começou a ficar Pessi-ma nos estudos. Ela começou a tirar notas baixas e começou a ficar com bastante dificuldade de na escola e esse Professor começou a Pere-cebe que Juliana estava tirando nota baixa e que não estava sendo mais a aluna dedicada da sala. - Juliana Porque Porque ela tirando nota baixa. Porque não era mais dedicada. - Professor é Porque ela acontecendo muitas coisas na minha casa, minha mãe está com alguns problemas e ela está falando coisas horríveis e eu estou me perdendo nos meus estudos. Até que um dia Juliana começou a se esforçar nos estudos não ligando para as coisas que sua mãe falava e assim ela foi se dedicando mais ainda e Passou e conseguiu se formar em medicina.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 17:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

O menino atentado

João era um menino muito atentado que morava no interior do Ceará, desde pequeno ele sempre gostou de atentar, certo dia a mãe dele chamou os Padrinhos do menino para passar uma dia na casa dele, chegou a hora do almoço e todo mundo foi comer, só que o menino só queria comer se fosse a muela, só que o Padrinho dele gostava da muela, ele chorou pra mãe dele da muela para ele comer e ela não deu, aí ele esperou todo mundo terminar de de comer, quando todo mundo terminou, ele foi lá, pegou um remédio amargo e jogou dentro da panela, aí ele viu uma vasilha com sementes e cheiro verde, pois ele foi lá para, pegou o nata cortou os pedacinhos bem pequenos e jogou dentro da vasilha, quando foi na hora da janta que eles foram comer eles sentiram um negócio amargo no caldo, e viu que tinha capim na comida, como a mãe dele já sabia como ele era, ela deu uma pisa nele que ele nunca mais fez isso.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 18: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Um grande jogador

Em 10 de janeiro de 1994 nasce mais um grande jogador no Brasil. E o nome dele é Alberto, adriano peg dez anos ele já se destacava com o bola que o pai dele tinha dado a ele, uma bola daquelas mais simples. A mãe dele viu que o garoto tinha habilidade e disse:

- mãe: Esse garoto tem habilidade, vou botar ele numa escolinha de futebol.

- filho: feliz que ia pra uma escolinha de futebol.

numa quinta-feira de setembro de 2006 a mãe foi até a escolinha e matriculou o filho dele.

- Treinador: Amãnhã você já pode trazer a agulha e o fio da mamãe.

- mãe: Tá bom, filho vamos comprar uma agulha e um fio.

- filho: vamos mãe.

A mãe sem muito dinheiro comprou um fio e uma agulha das mais simples e baratas.

No outro dia o filho acordou e ele já querendo ir pra escolinha.

- mãe: filho e o treinador disse que era pra ir pró

- filho: Tá mãe meu vai

Deu oito horas e lá vai o dengo mais do seu filho Alberto para a escolinha. chegando lá o treinador já mandou ele ir

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 19:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

O Grande Jogo

Um dia o menino veio até sua mãe e lhe perguntou:

- Mãe, posso ir ao grande jogo na outra cidade?

Sua mãe responde:

- Não, você não vai!

Filho:

- Mãe porque não?

Perguntou o menino para a mãe qual era o motivo dela não ter deixado.

Disse sua mãe o motivo:

- Porque você é muito pequeno e pode se perder no meio das pessoas.

Filho responde:

- Mas mãe eu esperei por tantos dias esse jogo, todo mundo vai, diga eu ir mãe por favor?

Sua mãe responde:

- Já disse que você não vai, tenho muito medo de alguma coisa com você!

Filho:

- Mãe, vou ter cuidado eu prometo, meu sonho é nesse jogo pra ver os melhores jogadores do mundo.

Mãe:

Então a mãe do menino pensa direito, depois de seu filho insiste bastante, ela lhe dá a seguinte resposta:

- Então filho pensei direito você pode ir já que é seu sonho, mas toma cuidado lá!

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 20: _____

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Pescaria

Eu gosto muito de peixe, gosto de ir praos garupis, praos acudus, praos lagas peixe, eu vou quase todo dia peixe la no chacara do meu pais peixe, vou peixe de manhã e ~~vato~~ vato meio dia para comer e eu fico ate umas horas da tarde e depois volto para peixe e fico pescando ate uma 5 e vato para casa volto com um monte de peixe, para casa fica muito feliz e de noite e frito as peixes que eu pego ai eu vou dormir e quando acordo vou peixe de novo, mas que eu vou vendi agora vou 6 horas da manhã ai eu levo o engamcho a tarrafa e o anzol, ai eu armo o engamcho e vou peixe de tarrafa ai fico pescando ate 7 horas pescando de tarrafa ai depois vou peixe de anzol fico pescando ate 8 horas pescando de anzol ai eu paro e vou alhar meu engamcho que eu armer pego as peixes tudinho bato dentro do rulo e amarro no moto e levo pra o comercio do vó e deixo la pro minha vó vendi para mim depois eu vou la pego o dinheiro com ela ai eu dou ~~me~~ uma parte p do dinheiro pra ela porque ela vendeu pra mim e é iravos acaba por aqui.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 21:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

A história do labirinto

Era uma vez um lobo pequenino que um dia quis se tornar o líder dos lobos, um caçador que estava próximo a ele e o capturou. Ele foi impreso da alcatia e ele disse: socorro! Socorro! alguém me ajuda. O caçador falou: ninguém vem ajudar você! Você está sozinho, ninguém. Então o labirinto ficou triste, mas um dia esse labirinto se tornou um labirinto.

E um dia chegou ele conseguiu fugir para bem longe e passou um bom tempo caminhando com fome, sede, cansado... até uma hora ele tomava alguns animais pequenos e quando mais

chegou um lobo ajudou seu nome era Pedro.

O lobo que não tinha nome acordou e o Pedro falou:

- Qual é o seu nome?

- O lobo disse: - Eu não tenho? E ainda estou longe de casa.

Logo o Pedro falou: - Eu vou te dar um nome pra você. Seu nome vai ser Gabriel.

E assim começa a jornada de Pedro e Gabriel até o lar de Gabriel e na jornada foram muito um do outro até um dia Pedro foi atacado por elefantes Gabriel chegou até lá com mais para ajudar seu amigo que era um macaco tinha que derrotar o alfa. E assim começou a luta Gabriel foi vitorioso mas ferido e assim os dois foram socorridos.

mas nada se passa de um sonho!.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento

Data: 16/04/2025

Aluno(a) 22:

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Para uma vez que fui pro nache
Eu e meu pai e meus irmãos e minha
Voz - nas foi causar coco

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 23:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

A recompensa

Essa história começa em São Luís com uma mulher chamada Lurdes. Lurdes era uma pessoa muito querida, gentil e boa, ela era empregada doméstica de um casal muito rico.

- Lurdes fazia comida muito deliciosas e o gosto muito dela, disse o Doutor Ribeiro patrão dela e sua esposa Amelia concordou.

Um dia Lurdes encontrou muito o jardineiro que também trabalhava para o casal rico, o Chicão, o Chicão ele tentou conquistar Lurdes mais ela não queria ele de jeito nenhum. A Lurdes era muito bonita também.

Um dia ao longo de parão Chicão disse a ela que se ela não fosse dele ela não seria de mais ninguém. A Lurdes só ouviu aquilo e achou que não iria acontecer nada.

Em algumas semanas quando a Lurdes preparava a comida, Chicão chega sem ela perceber e coloca veneno na comida. Daí o casal come sem saber se a comida estava envenenada.

Eles morrem e logo a polícia bate no portão e questiona como eles tinham morrido a Lurdes sem entender nada responde que não sabia. Então eles deram no escame que eles tinha morrido envenenados então culpa cou ro pra pobre da Lurdes que foi julgada e condenada a pagar por um crime que ela não tinha cometido.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 24:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Bilhete premiado

Um dia uma mãe estava muito triste pois estava quase sem dinheiro daí chegou um homem chamado Bento e vendeu um bilhete para ela mais ela disse que não tinha dinheiro então o Bento pegou e falou que iria para ela pagar quando pudesse. Então a mãe pegou o bilhete.

Quando foi no dia do sorteio ela acistiu e ela ganhou o sorteio então o Bento foi atrás porquê quem tinha ganhado era ele pq ela não tinha ~~pagado~~ pago. Então eles começaram a ~~discuti~~ discutir pra ver quem ia ficar com o dinheiro.

Passou um tempo até que eles fizeram um acordo de dividir o dinheiro pois ia ser bom pros dois. fim!

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 25:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

As tias da cantina

Nas hora do recreio a gente sempre pede pra
a tia da merenda crapricha no nosso lanche

- Meu Deus vocês sempre pede pra nois en-
cher teu prato de ~~alimento~~ cuz cuz

- Se eu encher o teu tem que encher os dos
outros também

Até que chega o dia da tia gente lova que
fala que no var botá mais se eu não conta
pra ninguém

Ai eu falo assim - Si eu falar pros oto eles
vão dedura pra diretora ai eu não vo mais
pode fica com o prato chei

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
Aluno(a) 26:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

O jogador Numero 1

Tinha um cara muito bom no futebol de quadra
Societ ele si chamava Luan. Todo mundo parava
pra acisti ele ^{jogando} ~~jogando~~ as menina ficava doida
de vê ele ~~jogando~~ ^{jogando} e fazendo seus dribles ele
era um cara vistoso tambem ele jogava com as
duas pernas. Quase toda partida ele era o artilheiro.
As pessoas sempre ficava adiviradas e perguntava
- Como tu consegue sempre em toda partida fazer
esse tanto de gols.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno (a) 27:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Meus um dia chato

Quando é de manhã eu acordo os dentes Tomo banho, Tomo café e meu irmão mais velho vem **trair** pra escola aí ele **veio** em quando eu fui pra ele que o meu sonho é sair logo da escola

- eu não queria poder **sair** logo desse inferno pq eu acordo muito cedo e vou pra escola e que eu acho que não tem futuro pq os menina do tik tok ganham muito mais **dinheiro** dançando do que se tivesse feito faculdade

○ meu irmão sempre me pergunta se eu quero fazer a eu sempre respondo não pra ele também o meu sonho é ser **influencer** e ganhar muito dinheiro com isso a única coisa que eu gosto da escola é minhas amigas

Quando é de tarde os **reis** eu vou na casa delas e de umas amigas. **Mais** resumindo tirando os fins de semana que as vezes eu saio pra festas os dias são bem chatos.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 28:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

A menina mais desejada

Tudo começou quando a menina mais bonita da escola chegou. Ela era educada, muito cheirosa e todos os meninos ficaram locos por ela, tipo:

- Nossa, essa menina é muito mais bonita que essas dragões que tem aqui.

Com o passar do tempo todo mundo foi percebendo que ela não era só mais um rostinho bonito ela era muito simpática com todos até com algumas meninas que ficaram com um pouco de inveja no começo. Então ela foi ficando cada vez mais popular, todo mundo queria se aproximar dela até aqueles meninos que não tinham nenhuma chance.

Um dia o menino mais bonito da escola disse que ele ficaria com ela se ele quizesse, então ele foi até onde ela quando ela tava sozinha e teve uma surpresa pois ela falou que não se interessava por pessoas igual ele. Daí ele perguntou se ele era feio de mais para ela então ela respondeu que o problema não era esse e sim o que ele fazia.

Antes que ele perguntasse o que tinha acontecido a menina falou que viu ele maltratando um rapaz. Então ele disse que não tinha problema por que aquele rapaz era acostumado com ofensas e disse:

- Olha o jeito dele, ele é muito esquisito.

- Eu não ligo para aparência e o jeito dele, por que na verdade ele é o menino que eu gosto, ele só não sabe mais toda vez que ele canta e toca o violão eu acho a coisa mais fofa do mundo.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 29:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

O sonho alcançado

Nunca se viu **falar** de um atleta de longo da pedra a conquistar um lugar de destaque no futebol profissional na série A do Brasil até **chegar** o campeonato do JFLPS de 2025 quando os atletas do Flamengo venceram **se** as partidas da final.

Era entre os times do Mauro Jorge e o Godofredo, os atletas viram que tinha um jogador muito talentoso chamado Cado Fonseca camisa 10 do time capitão do time do Godofredo.

- Nossa esse cara tem o que **nos** tanto procuramos pro nosso time já que estamos passando por mudança no time eu sei bem **lugar** um **rapaz** pro time principal.

Aí o **rapaz** foi levado para o rio de janeiro para começar a **treinar** com os profissionais. Antes ele conversou com sua mãe ^{ela} achou de **boa** já que era o sonho de infância do Cado.

Dai ele foi muito **ligado** da base até o time principal coisa de 1 ano se ele já **foi** sendo chamado de novo Anarcista, o **melhor** **foi** brilhando no Flamengo, conseguiu a camisa 9 e **foi** a revelação na copa mundial de clubes até **se** fazer uma **luz** na pinta esquerda. Foi uma **conexão** muito grande no Brasil e no **Morumbi** que foi o lugar que ele **veio**.

Dai ele voltou pra **longa** da Pedra para **se** **recupera** até voltar da **noiva** para **praticar** no clube. Nesse mesmo dia, o Cado foi **dentro** no seu **quarto** antigo e **se** **luminoso** dos tempos antigos. Quando ele **acorda** percebeu que aquele tudo era no um sonho.

Escola pesquisada: Centro de Ensino Frei Godofredo Bauerdick
 Pesquisador/Universitário: Vitor Ferreira Nascimento
 Aluno(a) 30:

Data: 16/04/2025

1º ano "A"

PRODUÇÃO TEXTUAL (GÊNERO CRÔNICA)

Na Vaquejada

Eu e minha prima fomos em uma Vaquejada, pra lá de boa -
 Primeiro nós fomos se arrumar durante o dia, Cambiar roupa -
 fazer cabelo, se maquiar e etc...

Agente queria muito ir mais eu acho que o universo não
 tá nos conspirando muito não, nos pegamos um carro da minha -
 prima e pegamos estrada, acho que foi mais o menos umas
 60 minutos pra chegar no lugar, chegando lá agente encon-
 trou meu tio. O tio = e aí minhas esbrinhos, quanto tempo
 que o tio não viu vocês não é mesmo vieram dançar um -
 ferreirinho hoje.

- Eu, com certeza tio.

o! láirai eu compra comida pra esse povo, mais também
 se eu não for pra comer e dançar, essa não é eu KKKK.
 Passei umas horas suando e o vigia me procurando
 quando vai ver lá estava eu com meu bonequinho Pratinho
 na mão. três pessoas procurando eu para dançar aí foi
 dançando tanto que eu tive que ir trocar de roupa na casa
 do meu tio porque minha roupa tá toda suada KsKsKs -
 depois de muita correria, dança pro lado, dança pro outro
 e eu fui chegar em casa 4:30, mais também cheguei
 cansada e foi isso.